

N.º 1 DE VENDAS

Finalmente há sangue novo no mundo dos vampiros

WILL HILL



DEPARTAMENTO 19

ELES NÃO EXISTEM,
MAS SALVAM-NOS A VIDA TODOS OS DIAS.



TOPSELLER

MEMORANDO

De: Gabinete do Diretor do Comité Conjunto dos Serviços de Informações

Assunto: Revisão das classificações dos departamentos do Governo britânico

Grau de segurança: CONFIDENCIAL

DEPARTAMENTO 1	Gabinete do Primeiro-Ministro
DEPARTAMENTO 2	Presidência do Conselho de Ministros
DEPARTAMENTO 3	Ministério do Interior
DEPARTAMENTO 4	Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Commonwealth
DEPARTAMENTO 5	Ministério da Defesa
DEPARTAMENTO 6	Exército Britânico
DEPARTAMENTO 7	Marinha Real Britânica
DEPARTAMENTO 8	Serviços Diplomáticos de Sua Majestade
DEPARTAMENTO 9	Ministério das Finanças e da Economia
DEPARTAMENTO 10	Ministério dos Transportes
DEPARTAMENTO 11	Ministério Público
DEPARTAMENTO 12	Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO 13	Serviço de Segurança Interna e Contraespionagem, Secção 5 (MI5)
DEPARTAMENTO 14	Serviço de Informações de Segurança (SIS)
DEPARTAMENTO 15	Força Aérea Real Britânica
DEPARTAMENTO 16	Gabinete da Irlanda do Norte
DEPARTAMENTO 17	Gabinete da Escócia
DEPARTAMENTO 18	Gabinete do País de Gales
DEPARTAMENTO 19	SECRETO
DEPARTAMENTO 20	Forças Policiais Territoriais
DEPARTAMENTO 21	Ministério da Saúde
DEPARTAMENTO 22	Quartel-General das Comunicações do Governo (QGCG)
DEPARTAMENTO 23	Comité Conjunto dos Serviços de Informações (CCSI)

PRÓLOGO

BRENCHLEY, KENT
3 DE NOVEMBRO DE 2007

Jamie Carpenter estava na sala a ver televisão quando ouviu os pneus do carro do pai a esmagarem a gravilha da entrada para a casa, bastante mais cedo do que era habitual. Olhou para o relógio de parede por cima do televisor e franziu o sobrolho. Eram cinco e um quarto. Tanto quanto se lembrava, Julian Carpenter nunca regressava do trabalho antes das sete horas e mesmo isso só em ocasiões especiais, como os anos da mãe ou quando o Arsenal jogava na Liga dos Campeões.

Jamie, um rapaz alto para os catorze anos que tinha e ligeiramente desengonçado, magro e de cabelo castanho despenteado, arrancou-se ao sofá e foi à janela. O *Mercedes* metalizado do pai encontrava-se já estacionado no sítio do costume, em frente da garagem, que era independente da casa. O pai estava a tirar qualquer coisa da bagageira, e aparecia iluminado pelas luzes de trás do automóvel.

Talvez ele esteja doente, pensou Jamie. Ao olhar com mais atenção para o pai, não lhe pareceu, no entanto, que pudesse estar doente. Os olhos dele brilhavam, muito abertos, iluminados pela luz vermelha, e movia-se com rapidez, tirando coisas da bagageira para os bolsos. E havia outra coisa: o pai olhava com frequência por cima do ombro para a estrada...

Jamie viu um movimento pelo canto do olho, perto do carvalho ao fundo do jardim. Voltou a cabeça, sentindo de repente um arrepio

que lhe subia pelos braços e pelas costas e percebendo que estava com medo. *Há aqui qualquer coisa que não está bem*, pensou. *Mesmo nada bem.*

A árvore parecia a mesma de sempre, com o tronco retorcido inclinado para a esquerda, as raízes enormes a darem cabo do relvado e a empurrarem para a estrada o muro do jardim.

Seja o que for que ele viu, foi igualmente visto pelo pai. Julian Carpenter ficou de pé muito direito, ainda atrás do carro, a olhar para a copa da árvore. Jamie também olhou com mais atenção para a árvore e para a comprida sombra negra que o luar projetava para a relva. O que antes se mexera já não estava a mexer-se. Mantendo os olhos fixos na árvore, porém, viu que alguma coisa se alterara.

Havia mais sombras do que devia haver.

A folhagem do carvalho já tinha desaparecido com o inverno e as sombras que projetava deviam ser apenas as das linhas direitas dos ramos vazios. Os desenhos escuros que cobriam o relvado, porém, eram mais espessos e volumosos, como se os troncos estivessem cheios de...

De quê? Cheios de quê?!

Jamie voltou a olhar para o pai. Desejou, de repente, que ele estivesse em casa... e naquele preciso instante, mas o pai ainda estava a observar a árvore enquanto segurava no que parecia ser um objeto, um objeto que Jamie não conseguia distinguir.

Houve mais movimento junto à árvore.

O medo irrompeu pela garganta de Jamie.

Vem para dentro, pai. Vem já para dentro! Há qualquer coisa má aí fora.

Assustado demais para conseguir gritar, Jamie viu as linhas escuras começarem a expandir-se. Levantou os olhos para a copa e viu os ramos mudarem de forma quando aquilo que lá parecia estar começou a movimentar-se, e ouviu também os ruídos ao longo da casca do tronco, enquanto essa coisa — *muitas coisas, parecem montes de coisas* — descia da ramagem da árvore.

Jamie olhou em desespero para o pai, que ainda se mantinha de olhos fixos na árvore, iluminado pelas luzes vermelhas do carro.

Porque é que continuas aí? Vem para dentro, por favor... por favor!

Jamie voltou a cabeça e olhou para a árvore. No outro lado do vidro, a espreitar pela janela, viu um rosto de rapariga, muito pálido, de olhos vermelhos escuros e lábios abertos numa expressão feroz, e gritou tão alto que pensou que as cordas vocais se iriam a rasgar.

O rosto desapareceu na escuridão e foi substituído por um movimento, o do pai a correr para casa. A porta da frente abriu-se com toda a força e Julian Carpenter entrou de rompante na sala, no momento em que a mãe de Jamie vinha da cozinha.

— Afasta-te das janelas, Jamie! — gritou o pai.

— Pai, mas o que...

— Faz o que eu te digo e não discutas! Não há tempo.

— Não há tempo para quê, Julian? — perguntou-lhe a mulher, com a voz tensa e aguda. — Que se passa?

Julian ignorou-a, tirando de um bolso um telemóvel que Jamie não reconheceu. Premiu várias teclas e levou-o ao ouvido.

— Frank? — perguntou. — Pois, eu sei, eu sei. Qual é a hora prevista para a chegada? É isso é exato? Está bem, cuida-te.

Depois desligou e pegou na mão da mulher.

— Julian, estás a assustar-me — disse ela, suavemente. — Por favor, diz-me o que se passa.

Julian olhou para o rosto pálido e confuso da mulher, antes de responder:

— Não posso. Desculpa.

Jamie observou-os, sem saber o que pensar. Não compreendia o que se passava, de modo algum. O que andava lá fora? E quem era Frank? Jamie sabia que o pai não tinha nenhum amigo com aquele nome.

A janela atrás de Jamie explodiu quando um ramo do carvalho a atravessou com a força de um míssil e despedaçou a mesa de café. Desta vez a mãe também gritou.

— Afastem-se das janelas — voltou a berrar Julian. — Venham para junto de mim!

Jamie levantou-se do chão, agarrou a mãe pela mão e atravessou a sala a correr, em direção ao pai. Ficaram todos encostados à parede do outro lado da janela, com o pai a rodeá-los com um braço antes de meter a mão direita no bolso do casaco e de tirar do interior uma pistola negra.

A mãe apertou-lhe a mão com tanta força que Jamie até pensou que os ossos se partiriam.

— Julian! — gritou ela. — Que estás tu a fazer com essa arma?

— Não faças barulho, Marie — disse o pai, em voz baixa.

Jamie ouviu ao longe o som de sirenes a aproximarem-se.

Obrigado, obrigado, obrigado. Vai correr tudo bem.

Lá fora, no jardim, ouviu-se uma gargalhada estridente que pairou no ar da noite.

— Depressa — murmurou Julian. — Depressa, por favor.

Jamie não sabia com quem estaria o pai a falar mas não era com ele nem com a mãe. E, de repente, o jardim ficou inundado de luz e de barulho quando duas carrinhas negras, com as sirenes no máximo e luzes a rodopiarem nos tejadilhos, entraram no caminho para a casa com os pneus a chiar. Jamie olhou para o carvalho, agora iluminado por brilhantes luzes azuis e vermelhas. Já não havia lá nada.

— Foram-se embora! — exclamou. — Pai, foram-se embora!

Jamie olhou para o pai e a expressão que lhe viu no rosto assustou-o mais do que tudo o que vira até esse momento.

Julian afastou-se da mulher e do filho, recuando, a olhar para eles.

— Tenho de me ir embora — afirmou, com uma voz pouco firme. — Lembrem-se de que vos amo mais do que tudo no mundo. E olha pela tua mãe, Jamie, está bem?

Em seguida, voltou-lhes as costas e dirigiu-se para a porta.

A mãe de Jamie foi atrás dele, a correr, e agarrou-o por um braço, fazendo-o voltar-se.

— Onde é que vais? — perguntou-lhe, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto. — O que queres dizer com isso, de ele olhar por mim? O que é que está a acontecer?

— Não posso dizer-te — respondeu Julian, em voz baixa. — Tenho de proteger-vos.

— Proteger-nos de quê?! — insistiu a mulher, já a gritar.

— De mim — disse Julian, baixando a cabeça. Depois olhou para ela e, com uma velocidade que Jamie nunca antes vira, torceu o próprio braço e arrancou-a à mão dela, dando-lhe um empurrão que a atirou para o outro extremo da sala. A mãe de Jamie tropeçou numa das pernas partidas da mesa de café, mas Jamie apressou-se a ampará-la, sustendo-lhe a queda. Ela soltou um horrível lamento em forma de grito, estendendo os braços para o repelir, e Jamie levantou a cabeça a tempo de ver o pai sair pela porta fora.

Jamie pôs-se em pé, ferindo a mão no vidro partido da pequena mesa, e correu para a janela. Na entrada para a casa viu oito homens com fatos negros blindados e pistolas-metralhadoras apontadas ao pai.

— Ponha as mãos por cima da cabeça! — gritou um dos homens. — Já!

O pai de Jamie deu alguns passos e parou. Olhou para o carvalho durante um momento mais longo e depois olhou por cima do ombro e sorriu ao filho. A seguir, avançou, tirando a pistola do bolso e apontando-a ao homem que estava mais próximo dele.

O mundo explodiu numa cacofonia ensurdecidora. Jamie tapou os ouvidos com as mãos e gritou, gritou, e gritou enquanto as pistolas-metralhadoras cuspiam fogo, balas e lhe matavam o pai.

DOIS ANOS MAIS TARDE

NA TERRA DE NINGUÉM DOS ADOLESCENTES

Jamie Carpenter sentiu o sabor do sangue e da terra na boca e praguejou para a lama do campo de jogos.

— Sai de cima de mim! — gritou, num som abafado.

Jamie ouviu uma gargalhada estridente por cima da cabeça e sentiu puxarem-lhe ainda mais o braço esquerdo, o que originou um novo relâmpago de dor em direção ao ombro.

— Parte-lho, Danny — gritou alguém. — Arranca-lhe o braço!

— Se quisesse, conseguia — replicou Danny Mitchell, dando origem a uma tempestade de gargalhadas. Depois, baixou a voz e aproximou-se do ouvido de Jamie. — Consequia, sabes? — sussurrou. — Era muito fácil.

— Sai de cima de mim, gordo de...

Uma mão enorme com dedos do tamanho de salsichas agarrou-o pelo cabelo e empurrou-lhe o rosto de encontro ao chão. Jamie fechou os olhos com muita força e tentou amparar-se com a mão direita para se arrancar à lama que parecia estar a sugá-lo.

— Agarrem-lhe o braço! — gritou Danny. — Segurem-no bem. — Um segundo depois, o braço direito de Jamie estava imobilizado e a ser pressionado contra o solo.

A falta de oxigénio que já sentia começou a fazer-lhe doer a cabeça. Não conseguia mexer-se nem respirar, as narinas enchiam-se de lama pegajosa e malcheirosa, os braços continuavam presos e os noventa

e cinco quilos de Danny Mitchell, que se sentara em cima das costas dele, pregavam-no ao solo.

— Já chega!

Jamie reconheceu a voz do professor Jacobs, da aula de Inglês.

O cavaleiro de armadura reluzente que me veio salvar. Um homem de cinquenta anos com mau hálito e manchas de suor debaixo dos braços. Perfeito...

— Mitchell, sai de cima dele. Não me obrigues a dizer-te outra vez! — gritou o professor. E, de súbito, a pressão no braço de Jamie e o peso que sentia nas costas desapareceram. Levantou a cara da lama e respirou profundamente, sentindo o peito agitado.

— Estávamos só a fazer um jogo, professor — ouviu Danny Mitchell dizer.

Um belo jogo. Muito divertido.

Jamie rebolou e ficou de costas, a olhar para os rostos da multidão que se reunira para ver como ele estava a ser humilhado. Observavam-no com uma mistura de excitação e de repulsa.

Eles nem gostam do Danny Mitchelll, mas odeiam-me mais a mim do que a ele.

O professor Jacobs agachou-se junto de Jamie.

— Estás bem, Carpenter?

— Estou ótimo, professor.

— O Mitchell disse que isto era um jogo. É verdade?

Por cima do ombro do professor, Jamie viu Danny a olhar para ele, com um aviso bem claro no olhar.

— Sim, professor. Acho que fui eu que perdi.

O professor Jacobs observou as manchas de lama que cobriam a roupa de Jamie.

— É o que parece. — Estendeu-lhe a mão, Jamie agarrou-a e arancou-se à lama com um ruído de sucção bem audível. Alguns dos colegas que o rodeavam riram-se baixinho e o professor Jacobs rodou sobre si mesmo, com o rosto vermelho de cólera.

— Ponham-se daqui para fora, seus abutres! — gritou-lhes. — Vão já para as vossas aulas ou hão de vir ter comigo no fim do dia para eu vos pôr de castigo!

A multidão dispersou-se, deixando Jamie e o professor Jacobs sozinhos no campo.

— Jamie — disse o professor —, se alguma vez quiseres falar sobre alguma coisa, sabes onde é o meu gabinete.

— Falar sobre o quê, professor?

— Bem, tu sabes, sobre o teu pai e... bem, sobre o que aconteceu...

— E o que foi que aconteceu, professor?

O professor Jacobs olhou para ele durante um momento mais prolongado e depois baixou os olhos.

— Vamos — disse, finalmente. — Tens de ir limpar-te antes da próxima aula. Podes usar a casa de banho dos professores.

Quando no fim do dia tocou a campainha, Jamie dirigiu-se lentamente para o portão de saída da escola. Os seus instintos mantinham-se normalmente muito despertos, em especial em situações mais perigosas, mas Danny Mitchell já conseguira aproximar-se dele durante o intervalo da tarde. E Jamie não estava disposto a deixar que acontecesse tudo outra vez.

Começou a andar mais devagar, por entre os grupos de miúdos que se dirigiam para os autocarros e para os automóveis que os esperavam, com os olhos azul-claros a saltarem de um lado para o outro, atento a qualquer emboscada.

Sentiu um aperto no peito ao ver Danny Mitchell à sua esquerda, a soltar as suas características gargalhadas ridículas e a abanar os braços com frenesim, exibindo-se perante o seu grupo de adeptos.

Esgueirando-se por entre dois autocarros, atravessou a rua, sempre à espera de ouvir os gritos e o ruído dos pés a correr, reveladores de que o tinham visto, mas não ouviu nada. Rapidamente chegou ao bairro de casas alinhadas e iguais onde vivia com a mãe, e que ficava longe da escola.

Os Carpenters já tinham mudado de casa por três vezes nos dois anos anteriores, desde que o pai de Jamie morrera. Logo a seguir à sua morte, a Polícia tinha-os visitado para os informar de que o pai estivera envolvido numa conspiração para vender informações secretas a uma célula terrorista inglesa, obtidas no seu trabalho no ministério da Defesa. Os polícias mostraram-se simpáticos e compreensivos, assegurando a Jamie e à mãe que não havia provas que sugerissem que eles soubessem alguma coisa do assunto mas, em termos práticos, isso de nada servira. As cartas começaram a aparecer quase logo a seguir, vindas de vizinhos patriotas que não queriam ter a família de um traidor a viver no bairro sossegado onde a única coisa que se lia era o sensacionalista *Daily Mail*.

Poucos meses depois venderam a casa de Kent, e Jamie não se importou. A recordação que guardava daquela terrível noite era confusa mas a árvore que continuava no jardim metia-lhe medo e ele não

conseguia sequer percorrer o caminho de gravilha onde o pai morrera, optando antes por contornar o relvado, para manter a maior distância possível entre ele e o carvalho. Depois, quando chegava à porta, saltava diretamente para a soleira, sem tocar na gravilha.

O rosto que avistara do lado de fora da casa e a gargalhada estridente que atravessara o vidro partido da janela da sala eram coisas de que já não se lembrava.

Quando saíram de Kent foram viver para casa dos tios de Jamie numa aldeia nos arredores de Coventry. Jamie ingressou numa escola nova e a mãe conseguiu arranjar trabalho como rececionista num consultório de clínica geral, mas os boatos e as notícias perseguiram-nos: alguém atirou um tijolo pela janela da cozinha da casa da tia de Jamie, no mesmo dia em que ele partiu o nariz de um colega que fizera uma piada sobre o pai dele.

Na manhã seguinte mudaram-se.

Viajaram de comboio para Leeds e arranjaram uma casa numa zona suburbana que parecia feita de Legos. Quando Jamie foi expulso da escola, pela segunda vez em três meses, por faltar consecutivamente às aulas, a mãe nem sequer lhe ralhou. Limitou-se a avisar o senhorio de que se iam embora e começou a fazer as malas.

Acabaram, finalmente, por se mudar para o bairro sossegado nos arredores de Nottingham em que agora se encontravam. Era uma zona cinzenta, fria e triste. Jamie, um genuíno rapaz do campo habituado ao ar livre, viu-se limitado a vaguear por passagens inferiores de betão e por parques de estacionamento de supermercados, com o capuz enfiado na cabeça bem junto ao rosto, com o *iPod* a martelar-lhe os ouvidos, sozinho consigo próprio e mantendo-se o mais longe possível dos gangues que se reuniam nos cantos sombrios daquela terra de ninguém. Sem saber porquê, Jamie evitava sempre as zonas escuras.

Caminhou apressadamente através do bairro, ao longo das ruas silenciosas feitas de casas todas iguais e carros em segunda mão. Passou por um pequeno grupo de raparigas, que o fitaram com indisfarçável hostilidade. Uma delas disse qualquer coisa que ele não percebeu e que fez com que as outras se rissem. Jamie limitou-se a seguir em frente.

Tinha dezasseis anos e sentia-se miserável e brutalmente só.

Ao entrar na pequena moradia geminada em que vivia com a mãe, fechou a porta tentando não fazer barulho, disposto a ir diretamente

para o quarto para despir a roupa enlameada. Parou a meio das escadas quando ouviu a mãe a chamá-lo.

— O que é, mãe? — gritou.

— Podes fazer o favor de chegar aqui, Jamie?

Jamie praguejou baixinho e desceu as escadas com passos pesados, atravessando o vestíbulo a caminho da sala. A mãe estava sentada junto à janela, a olhar para ele com uma expressão tão triste que Jamie sentiu um aperto na garganta.

— O que se passa, mãe? — perguntou.

— Um dos teus professores telefonou-me hoje — respondeu a mãe. — O professor Jacobs.

Meu Deus, mas porque é que ele não se mete na vida dele?

— Ah, sim? E o que é que ele queria?

— Ele disse que tinhas andado à luta esta tarde.

— Ele enganou-se.

A mãe de Jamie suspirou.

— Estou preocupada contigo — disse.

— Não vale a pena. Sei cuidar de mim.

— É o que dizes sempre.

— Talvez devesse começar a dar-me ouvidos, então.

A mãe semicerrou os olhos.

Esta doeu, não doeu? Ainda bem. Agora podes berrar comigo e eu vou lá para cima e não precisamos de voltar a falar um com o outro esta noite.

— Eu também sinto a falta dele, filho — disse a mãe, e Jamie encolheu-se como se tivesse sido picado. — Todos os dias.

Jamie ignorou o nó que de repente sentiu na garganta e respondeu-lhe num tom abrupto:

— Ainda bem para ti. Eu não sinto. Nunca.

A mãe olhou para ele e formaram-se-lhe lágrimas nos cantos dos olhos.

— Não estás a falar a sério.

— Acredita que estou. Ele foi um traidor, um criminoso e arruinou as nossas vidas.

— As nossas vidas não estão arruinadas. Ainda nos temos um ao outro.

Jamie riu-se.

— Pois, vê só como temos passado tão bem.

As lágrimas brotaram do rosto da mãe e ela baixou a cabeça, deixando-as deslizar suavemente pelo rosto até ao chão. Jamie olhou para ela, sentindo-se impotente.

Vai ter com ela. Vai ter com ela, abraça-a e diz-lhe que vai correr tudo bem.

Jamie quis fazê-lo. Só lhe apetecia ir ajoelhar-se junto dela e atravessar a ravina que andava a abrir-se entre eles desde a noite em que o pai morrera, mas não conseguiu. Em vez disso, ficou onde estava, paralisado, a ver a mãe a chorar.

2

PECADOS DE PAI

Na manhã seguinte, Jamie acordou, tomou banho, vestiu-se e escapou-se pela porta da frente sem chegar a ver a mãe. Fez o seu percurso habitual através do bairro mas quando chegou à bifurcação que dava para a escola continuou a andar, percorrendo o centro comercial ao ar livre, onde ficava o *McDonald's* e o videoclube. Atravessou a ponte coberta de grafitis que ficava acima da linha do comboio, repleta de vidros partidos e pastilhas elásticas espalmadas, e passou pela estação e pelo parque de bicicletas a caminho do canal. Naquele dia não iria à escola. Nem pensar nisso.

Por que raio ficou ela tão perturbada? Por eu não sentir a falta do pai? Ele era um falhado. Será que ela não consegue perceber isso?

Jamie cerrou os punhos com força enquanto descia os degraus de betão em direção à pequena ponte. Esta parte do canal não tinha curvas ao longo de cerca de quilómetro e meio, o que significava que Jamie podia ver qualquer perigo que se aproximasse a partir de uma distância segura. Embora mantivesse os olhos bem abertos, as únicas pessoas que viu foram as que passeavam os seus cães e um ou outro sem-abrigo que se recolhia debaixo das pontes e, por isso, foi-se gradualmente entregando aos seus pensamentos.

Nunca fora capaz de falar com ninguém, e muito menos com a mãe, do vazio que a morte do pai deixara na sua vida. Jamie gostava muito da mãe, tanto que chegava a odiar-se pelo modo como a trata-

va e a repelia quando era evidente que ela precisava dele, e que Jamie era a única pessoa que lhe restava. Infelizmente, não o conseguia impedir: a fúria que o consumia precisava de ser libertada, e a mãe era o alvo mais próximo.

A pessoa que merecia ser o alvo dele já não estava viva. Era o seu pai. O seu pai falhado e covarde que o levara uma vez a Londres a um jogo do Arsenal, que lhe comprara o canivete suíço que ele agora se recusava a transportar, que o deixara dar tiros com a pressão de ar nos campos por detrás da antiga casa, que o ajudara a construir uma casa na árvore, e que costumava ver com ele os desenhos animados aos sábados de manhã. Tudo coisas que a mãe nunca faria com ele, e que ele também não queria que ela fizesse. A verdade era que ele sentia mais a falta dessas coisas do que alguma vez conseguiria admitir.

Sentia-se furioso pelo facto de o pai os ter abandonado, os ter obrigado a deixar a casa de que ele tanto gostava e mudarem-se para aquele sítio horrível, perdendo para sempre todos os seus amigos.

Tal como ficava furioso de cada vez que via o brilho de alegria nas caras dos *bullies* em cada escola nova, quando começavam os boatos e eles se apercebiam de que tinham diante de si a vítima perfeita: um magricela acabadinho de chegar, cujo pai tentara ajudar terroristas a atacarem o próprio país.

Tal como se sentia furioso pelo facto de a sua própria mãe se recusar a admitir a verdade sobre o marido, e pelo facto de os professores, que queriam compreendê-lo, lhe pedirem para falar sobre o pai e sobre os seus sentimentos.

Era como se sentia: simplesmente furioso.

Jamie arrancou-se aos seus pensamentos e olhou para o sol pálido que, lá muito em cima, tentava forçar a passagem por entre as nuvens cinzentas. Tirou o telemóvel do bolso e viu que era quase meio-dia. À sua frente, um caminho direito ia da margem do canal para um pequeno parque rodeado de bétulas altas. O parque estava quase sempre deserto e era um dos seus locais preferidos.

Jamie sentou-se no meio da relva, longe das árvores e das pequenas sombras criadas pelo sol do princípio da tarde. Não fora buscar o almoço porque isso o teria obrigado a ir à cozinha onde a mãe se encontrava e limitara-se a meter na mochila chocolates e uma lata de *Coca-Cola*. A *Coca-Cola* estava morna e o chocolate já meio derretido, mas não se importou.

Acabou de comer, pôs a mochila debaixo da cabeça, esticou-se e fechou os olhos. Sentiu-se muito cansado e sem vontade de pensar.

Quinze minutos. Uma pequena sesta. Meia hora no máximo.

— Jamie.

Abriu os olhos de repente e viu o céu escuro da noite por cima dele. Sentou-se, a esfregar os olhos, olhando em redor do parque escurecido. Todo ele tremia devido ao frio do entardecer e sentia a pele a ficar arrepiada, quando Jamie percebeu que ficara no local onde as sombras das árvores se juntavam agora umas às outras.

— Jamie.

Voltou-se.

— Quem está aí? — perguntou.

Uma risadinha fez-se ouvir por todo o parque.

— Jamie... — A voz parecia estar a cantar, como se pronunciasse lentamente o nome dele, fazendo-o ecoar por entre as árvores. Era uma voz feminina.

— Onde é que estás? Isto não tem graça.

Ouviu-se novamente uma pequena risada.

Jamie levantou-se e voltou-se, lentamente. Não conseguia ver ninguém mas, para lá da primeira linha das árvores, a escuridão era total e as próprias árvores pareciam mais largas e retorcidas.

Há muito espaço para alguém se esconder lá no meio.

Havia qualquer coisa a agitar-se dentro da nuca dele, qualquer coisa que tinha a ver com uma rapariga e uma janela, sem que ele conseguisse lembrar-se.

Ouviu passos no solo, atrás de si.

E voltou-se, num movimento rápido, com o coração a bater com muita força.

Nada.

— Jamie.

Desta vez conseguia perceber que a voz estava mais próxima.

— Mostra-te! — gritou.

— Está bem — disse alguém imediatamente por trás do ouvido dele. Jamie deu um grito ao mesmo tempo que se virou na direção da voz, a agitar os punhos. Sentiu a mão direita a bater com força em qualquer coisa, a adrenalina fervia-lhe nas veias, e depois ficou imóvel.

No chão, mesmo à frente dele, encontrava-se uma rapariga, talvez da sua idade, com a mão no nariz. Um pequeno fio de sangue escorria-lhe para o lábio, e Jamie viu-lhe a língua a sair-lhe da boca para lambe o sangue.

— Oh, meu Deus — disse Jamie. — Desculpa, desculpa. Estás bem?

— Que idiota — retorquiu a rapariga, fungando por trás da mão. — Para que fizeste isso?

— Desculpa — repetiu Jamie. — Porque é que te aproximaste assim, às escondidas?

— Só queria assustar-te — respondeu ela, com ar aborrecido.

— Porquê?

— Para ter piada. Só isso.

Jamie lembrou-se de qualquer coisa mas sem conseguir perceber o que era.

— Bem, assustaste-me mesmo. Portanto, estás de parabéns, acho eu.

— Obrigada — disse a rapariga, ainda a fungar, estendendo a mão. — Ajudas-me?

— Oh, desculpa, claro. — E Jamie baixou-se para a ajudar a levantar-se. A rapariga sacudiu a roupa, limpou o nariz com as costas da mão e ficou de pé à sua frente.

Jamie olhou melhor para ela. Era muito bonita, com o cabelo escuro a cair-lhe pelos ombros, de pele clara e olhos castanho-escuros. Ela sorriu ao reparar no olhar dele e Jamie corou.

— Estás a ver alguma coisa de que gostas? — perguntou ela.

— Desculpa, não estava a olhar dessa maneira. Eu só...

— Sim, estavas, mas tudo bem. Eu sou a Larissa.

— E eu sou... — O cérebro de Jamie começou a funcionar e o medo apoderou-se dele. — Disseste o meu nome — murmurou, dando um passo atrás. — Como é que sabias o meu nome?

— Não interessa, Jamie — respondeu a rapariga. E os bonitos olhos castanhos ficaram vermelhos, de um tom terrivelmente escuro. — Agora já não interessa.

Larissa moveu-se com a graciosidade de um líquido, percorrendo a distância entre eles de um momento para o outro. Pôs-lhe as mãos à volta do rosto, num gesto que pareceu a Jamie tremendamente forte.

— Já nada interessa — murmurou Larissa, e Jamie olhou para os olhos vermelhos dela e perdeu-se.

3

O ATAQUE AOS SUBÚRBIOS

— Não consigo.

A voz parecia vir de uma distância de mil quilómetros. Jamie esforçou-se por abrir os olhos. Estava deitado na relva com a rapariga chamada Larissa sentada a seu lado. Tentou afastar-se, ainda no chão, mas não conseguiu mexer-se. Doíam-lhe os braços e as pernas e sentia a cabeça cheia de algodão.

— Raios, não consigo —, disse Larissa, parecendo estar a falar para si própria. — O que é que se passa comigo?

Jamie forçou-se a abrir os olhos e notou que os dela estavam de novo castanhos, e que o observavam com uma expressão suave.

— Quem... és... tu? — perguntou Jamie, com dificuldade. — Que foi que me fizeste?

Larissa baixou a cabeça, antes de responder:

— Ele disse que eras meu. Foi o que ele disse. Eu é que não consegui.

— Era teu como?

— Meu. De todas as maneiras.

Jamie teve de fazer um esforço enorme para se erguer e ficar sentado.

— Não estou a perceber — afirmou.

— Não interessa. — A rapariga olhou para o céu. — Devias ir-te embora — acrescentou, olhando de novo para ele, com ar triste. — Eles estão quase a chegar lá.

Uma onda de adrenalina invadiu o corpo de Jamie.

— Quem? Onde?

— Os meus amigos. E tu sabes onde.

Jamie pôs-se em pé de um salto e olhou para Larissa.

— Eu já te vi, não foi? — perguntou, sentindo a voz a tremer.

E recordou-se do rosto à janela.

A rapariga anuiu.

Jamie voltou-se e saiu disparado do parque, a correr como se a sua vida dependesse disso.

Por favor, a minha mãe não. Não os deixes fazer mal à minha mãe.

Quando Jamie chegou ao fim da rua onde morava, tinha o coração a bater com tanta força que pensou que o peito lhe podia explodir. Via tudo mais escuro e os músculos das pernas berravam de dor, mas ignorou-a e percorreu a correr os últimos cinquenta metros, contornando a caixa do correio e só parando à porta de casa. Estava escancarada. Correu até ao corredor.

— Mãe! — gritou. — Estás em casa? Mãe?

Não teve resposta.

Correu para a sala. Vazia. Foi à cozinha. Vazia.

Não encontrou sinais dela.

Subiu as escadas a correr e empurrou a porta do quarto da mãe. A janela por cima da cama estava aberta e deixava ver o céu escuro, com as cortinas a flutuarem ao sabor da brisa noturna. Jamie atravessou o quarto e pôs a cabeça de fora.

— Mãe! — gritou para o negrume da noite. A mão direita deslizou em qualquer coisa líquida no peitoril da janela. Jamie olhou para baixo e levantou a mão. Um líquido vermelho escorreu-lhe para o pulso.

Olhou para o parapeito. Havia duas pequenas poças de sangue na superfície branca e mais sangue no vidro da janela aberta.

Jamie ficou a olhar para a mão, horrorizado, e depois houve qualquer coisa que se fez em pedaços na sua cabeça, ao dar-se conta de que a mãe tinha mesmo desaparecido, e que o fez levantar a cabeça e berrar aos céus.

E a muitos quilómetros de distância, no meio das nuvens escuras, houve qualquer coisa que o ouviu gritar e que voltou para trás.

O tempo foi passando, sem que Jamie se apercebesse.

Não conseguia ficar no quarto da mãe, nem conseguia olhar para o sangue, horrivelmente brilhante na superfície pintada de branca e no

vidro transparente. Desceu até à sala sem saber que o fazia. E estava sentado no sofá, a olhar para a parede sem a ver, quando ouviu o som da porta da frente a abrir-se e a fechar-se atrás do que entrara em casa.

Já não se sentia capaz de ter medo. Sentia-se, sim, entorpecido. Por isso, limitou-se a olhar para o homem alto e magro, de fato cinzento, que entrou na sala e que lhe sorriu com dentes cortantes como navalhas, os olhos vermelhos a brilharem na escuridão.

— Jamie Carpenter — disse o homem numa voz melosa. — É um prazer conhecer-te finalmente.

O homem arreganhou os lábios, mostrando os dentes, e deu um passo na direção de Jamie mas, de repente, a porta da frente explodiu numa nuvem de serradura, e um vulto enorme, empunhando o que parecia ser um cano gigantesco, entrou na sala e ficou parado à porta.

— Afasta-te dele, Alexandru — ordenou o enorme recém-chegado, com uma voz que fez estremecer toda a casa.

O ser do fato cinzento silvou e curvou-se ligeiramente.

— Isto não te diz respeito, monstro — atirou. — Temos aqui um assunto por resolver.

— E vai continuar por resolver — retorquiu o outro, premindo o gatilho existente debaixo do cano. Ouviu-se um estrondo imenso, como se tivesse rebentado um balão gigantesco, e um objeto aguçado saltou como um explosivo do interior da arma, voando de um lado ao outro da sala, a tão grande velocidade que só deixou para trás uma imagem nebulosa, arrastando atrás de si um cordão metálico. Alexandru deu um salto no ar com uma velocidade impossível e o projétil foi abrir um buraco na parede da sala, antes de ser puxado de novo para o interior do tubo, a rodopiar, com a mesma rapidez com que fora disparado.

A criatura do fato cinzento ficou suspensa no ar, os olhos a expelirem faíscas de fúria. Rosnou ao monstro que estava à porta e depois atravessou a grande janela da frente da casa, estilhaçando-a, e desapareceu no ar cada vez mais depressa.

Jamie nem se moveu.

O gigante foi a correr até à janela e, torcendo o pescoço, ficou a olhar na direção em que o ser chamado Alexandru desaparecera.

— Foi-se — disse. — Por agora.

De seguida voltou-se para Jamie e, à luz da sala, Jamie viu pela primeira vez o seu salvador e, quando o viu bem, começou a gritar. A gigantesca figura era um homem com pelo menos dois metros e meio de altura e que parecia ter a mesma largura de corpo. Tinha

pele mosqueada verde-acinzentada, testa alta e larga e um tufo de cabelo preto no cimo de tudo. Vestia um fato escuro e um sobretudo cinzento comprido. Do cano que empunhava saía um cabo que lhe subia pela manga, desaparecendo-lhe algures por cima dos ombros.

Começou a avançar na sua direção e, quando o medo e a sensação de perda já lhe bloqueavam a mente, Jamie viu dois parafusos de metal que saíam dos dois lados do pescoço do gigante. O homem estendeu-lhe a mão.

— Jamie Carpenter — disse o recém-chegado —, o meu nome é Frankenstein. Estou aqui para te ajudar.

Os olhos de Jamie reviraram-se, deixando só o branco visível, antes de o jovem mergulhar numa escuridão vazia, mas doce.

BUSCA E SALVAMENTO

STAVELEY, DERBYSHIRE NORTE
CINQUENTA E SEIS MINUTOS ANTES

Matt Browning estava sentado ao computador quando tudo começou.

Ocupava-o um trabalho para a aula de literatura inglesa que era uma comparação dos discursos de Bruto e de Marco António em *Júlio César*. Teclava velozmente no velho portátil quando ouviu no céu um ruído parecido com o de um trovão e, depois, outro som, o de qualquer coisa a despenhar-se no quintal nas traseiras da casa onde vivia com a irmã e com os pais, num conjunto de moradias em banda, que provocou uma erupção de terra e de erva castanha que foram projetadas para o escuro da noite.

Ouviu a mãe a gritar, no andar de baixo, e o pai a dizer-lhe, com uma voz arrastada, para se calar. No quarto ao lado, Laura, a sua irmã mais nova, começou a chorar, num tom estridente de confusão e de birra.

Matt gravou o trabalho feito e levantou-se da secretária. Era de estatura baixa para os seus dezasseis anos, magro, e tinha uma madeixa de cabelo castanho que se estendia por cima da testa alta até aos óculos. O rosto era pálido e quase feminino, as feições perfeitas e arredondadas como se ele estivesse ligeiramente desfocado. Tinha vestido a sua t-shirt carmesim de Harvard preferida, calças castanho-escuras, e enfiou os pés num par de *Vans* azuis antes de atravessar rapidamente o pequeno patamar em direção ao quarto da irmã.

Laura estava deitada no berço, o rosto de um vermelho muito vivo e com uma expressão ofendida, os olhos fechados com força e a boca transformada num círculo perfeito. Matt inclinou-se para o berço e pegou nela, apoiando-a no ombro e procurando sossegá-la enquanto a embalava suavemente nos braços. Houve um glorioso momento de sossego quando ela respirou fundo mas depois começou de novo a chorar. Matt atravessou o pequeno quarto, abriu a porta e desceu as escadas.

A mãe andava num frenesim na cozinha, que ficava nas traseiras da casa. Vestira o robe bege e calçara um par de chinelos de quarto azul-claros e esvoaçava de uma janela para a outra, por cima do lava-louça, espreitando para o quintal escurecido e dizendo repetidamente ao marido para chamar a Polícia. Greg Browning ficara de pé no meio da cozinha, trémulo, uma mão posta na testa e a outra a segurar numa lata de cerveja. Voltou-se quando Matt entrou na cozinha.

— Vê se calas a tua irmã, está bem? — resmungou. — Está a fazer-me doer a cabeça. — E depois voltou-se para a mulher. — Podes parar com essa agitação e pegar no raio da criança? — perguntou, numa voz mais alterada.

A mãe de Matt pegou rapidamente em Laura e sentou-se à mesa com ela.

— Dá o telefone à tua mãe.

Matt tirou o telefone do descanso de parede junto à porta e passou-o à mãe, que pegou nele com uma expressão confusa.

— Agora podes chamar a Polícia enquanto eu e o Matt vamos espreitar o quintal...

— Não, Greg, não devias...

— Não devia?!

A mãe de Matt engoliu em seco.

— Quer dizer, não vão lá fora. Não vão, está bem?

— Vê mas é se te calas, está bem, Lynne? Matt, vamos!

Greg Browning abriu a porta das traseiras, que dava para o quintal, ficando parado, à escuta. Matt aproximou-se e ficou atrás dele, a espreitar por cima do ombro do pai para o céu escuro.

O quintal estava silencioso; nada se movia no ar frio da noite.

O pai de Matt tirou uma lanterna da estante existente ao lado da porta das traseiras, acendeu-a e saiu para o pátio estreito que ficava por debaixo das janelas da cozinha. Matt seguiu-o, atento ao que pudesse ter caído debaixo da sua janela. Atrás dele, na cozinha, conseguia ouvir a mãe a tentar explicar à Polícia o que acontecera.

O pai descreveu um arco com a luz da lanterna para apontar aos canteiros ao longo da tira de relva. O raio de luz iluminou uma mancha branca, já quase fora da zona relvada.

— Ali — disse Matt. — No canteiro.

— Fica aqui.

Matt ficou no pátio enquanto o pai caminhava lentamente, por cima do relvado mal cuidado. Ao chegar ao limite do relvado, inspiroou bruscamente.

— O que é? — perguntou Matt. — O pai não respondeu. Não tirava os olhos do canteiro escurecido. — Pai? O que se passa?

Finalmente, Greg Browning voltou-se e olhou para ele, de olhos esbugalhados.

— É uma rapariga — acabou por dizer. — Uma miúda.

— O quê?

— Vem ver.

Matt atravessou o relvado e olhou para o canteiro, que estava coberto de ervas daninhas.

A rapariga encontrava-se deitada de costas na terra e semienterrada pela força do impacto no solo. Tinha o rosto pálido sujo de sangue e os olhos, bem como os lábios, grotescamente inchados. O cabelo preto espalhava-se à volta da cabeça dela como se fosse uma auréola, emaranhado em alguns pontos pela lama e pelo sangue. Tinha o braço esquerdo obviamente partido, com o cotovelo encostado à testa num ângulo reto nada natural. A camisola de um cinzento-claro encontrava-se de tal modo empapada em sangue que parecia ser preta e Matt percebeu, horrorizado, que na barriga dela, ao longo do abdómen, havia um buraco muito grande. Viu lá dentro reflexos vermelhos e arroxeados e desviou o olhar.

— Parece que alguém a tentou estripar — disse o pai, em voz baixa.

— Que se passa, Greg? — gritou a mãe de Matt, à porta da cozinha. — Que é que está a acontecer?

— Cala-te, Lynne — retorquiu Greg Browning automaticamente, sem que no entanto a voz, agora mais baixa, revelasse qualquer irritação.

Ele parece estar com medo, pensou Matt, agachando-se ao lado da rapariga. Apesar dos estragos feitos no rosto, era muito bonita, com a pele quase transparente de tão clara que era, e os lábios de um vermelho escuro convidativo.

O pai estava a falar sozinho por detrás dele, a olhar para o céu e depois para o chão, e depois para o céu novamente, tentando encontrar uma explicação para o facto de a rapariga lhes ter caído no quintal.

Matt pousou a mão na pele fria do pescoço dela, à procura de pulsação, apesar de ter a certeza de que não a encontraria.

Quem é que te fez isto?, perguntou a si próprio.

A rapariga abriu o olho direito, muito inchado, e fitou Matt, que deu um grito.

— Está viva! — exclamou.

— Que estupidez! — gritou-lhe Greg Browning. — Ela está...

A rapariga tossiu. O som parecia vir-lhe das entranhas, um ruído engasgado que lhe arrancou mais fios de sangue que lhe escorreram pelo queixo. Voltou a cabeça para Matt e disse qualquer coisa que ele não conseguiu compreender.

— Meu Deus — murmurou o pai de Matt.

Matt levantou-se e recuou vagarosamente para junto do pai. Olhou para a rapariga tombada, que mexia lentamente a cabeça de um lado para o outro, com os lábios arreganhados num esgar de dor.

— Temos de fazer qualquer coisa, pai — disse Matt. — Não podemos deixá-la assim.

O pai voltou-se para ele, com o rosto transformado pela fúria.

— Que queres tu que eu faça? — gritou. — A Polícia está a caminho e eles vão tratar do assunto. Nem devíamos tocar-lhe.

— Mas, pai...

Greg Browning contorceu o rosto irado e levantou um punho, avançando para o filho. Matt soltou um grito, levantando os braços diante da cara e voltando-se para o lado.

— Vê lá mas é se te calas, se sabes o que é melhor para ti — rosnou o pai, baixando o punho.

Matt, vermelho de vergonha e impotência, olhou para o pai, com o cérebro inflamado pelo ódio. Abriu a boca para replicar, para dizer alguma coisa, quando um ruído ensurdecedor encheu a noite e um helicóptero negro apareceu por cima das árvores que delimitavam o pequeno quintal suburbano.

Matt cobriu o rosto e esforçou-se por ficar direito enquanto o rodar da hélice do helicóptero levantava a terra e o pó do quintal. Via o pai a gritar sem conseguir ouvir o que ele dizia por causa do som trovejante dos motores e do uivo do vento. Voltou o pescoço, as mãos a protegerem os olhos, e viu o helicóptero desaparecer por cima da casa.

Depois voltou-se e correu para dentro de casa, passando pela mãe que continuava imóvel junto à porta das traseiras, atravessando a cozinha e o corredor estreito em direção à porta da frente.

Atrás dele conseguia ouvir o pai a chamá-lo mas nem abrandou. Abriu de rompante a porta da frente e viu o helicóptero negro a descer sobre o asfalto cinzento da rua, os rotores a espalharem o ruído metálico que fazia por cima dos carros estacionados ao longo da rua.

O pai apareceu atrás dele, vindo do corredor, deitando a mão ao ombro do filho e fazendo-o voltar-se.

— Que raio pensas tu ...?

A voz de Greg Browning perdeu-se quando ele olhou para a rua. Matt voltou-se e viu a porta lateral do helicóptero a abrir-se. Quatro vultos saíram do seu interior.

Os dois primeiros homens estavam vestidos de negro da cabeça aos pés: pareciam polícias de choque com os uniformes cobertos de placas protetoras também negras e as caras escondidas por capacetes negros com viseiras roxas.

Empunhavam ambos pistolas-metralhadoras nas mãos enluvadas.

Atrás deles vinham um homem e uma mulher com fatos protetores brancos, os rostos visíveis por detrás das máscaras de plástico espesso. Traziam ambos uma maca branca.

Afastando-se do helicóptero, aproximaram-se com passos rápidos de Matt e do pai. O primeiro vulto — *parecem soldados* — parou diante deles.

— Foi desta casa que fizeram uma chamada de emergência? — perguntou. A voz era masculina e não parecia pertencer a alguém muito mais velho do que Matt.

Nem aquele nem o pai responderam.

O soldado deu mais um passo em frente e insistiu:

— Foi desta casa que fizeram uma chamada de emergência?

Aterrorizado, Matt fez que sim com a cabeça.

O homem de negro voltou-se para os outros, fez sinal para que entrassem, depois avançou, passando por Matt e por Greg Browning, e desapareceu pelo corredor fora. Os outros seguiram-no, deixando Matt e o pai parados à porta, a olharem para o helicóptero e sem saberem o que fazer, até a mãe de Matt começar a gritar, fazendo-os correr para dentro de casa.

Encontraram-na na cozinha, com Laura nos braços, e ambas gritavam em uníssono. Greg Browning acorreu à mulher, abraçando-a, sussurrando-lhe que ia correr tudo bem e pedindo-lhe que não gritasse. Matt deixou-os assim, junto à mesa, e correu para o quintal.

Os dois soldados estavam um de cada lado da rapariga, de armas apoiadas nos ombros e apontadas para o céu. O homem e a mulher de fatos brancos já a examinavam, mantendo-a ainda deitada no chão.

Matt aproximou-se mas, antes de poder chegar suficientemente perto para conseguir ver o que estavam a fazer, foi travado pelo soldado mais próximo dele que, voltando-se, lhe apontou a pistola-metralhadora ao peito. E Matt ficou imediatamente imóvel.

— Faça o favor de ficar onde está — disse-lhe o soldado. — Para o seu próprio bem.

— Que se passa aqui? — inquiriu uma voz pouco firme por trás de Matt. Demasiado assustado para se mexer, limitou-se a voltar a cabeça para ver, por cima do ombro, o pai, que estava parado no pátio. Parecia um pneu a que tivessem tirado o ar.

— Leve o seu filho para casa — disse o soldado.

— Quero saber o que se passa — insistiu o pai de Matt. — Quem são vocês?

— Não lhe digo uma segunda vez — replicou o soldado. Parecia estar a ficar impaciente. — Leve o seu filho para dentro. Imediatamente.

Greg Browning parecia estar prestes a dizer alguma coisa, mas depois pensou melhor.

— Vem para dentro, Matt — acabou por dizer.

Matt desviou o olhar do pai para o soldado que lhe apontava a arma ao peito. Por detrás dele, viu que o outro soldado, bem como o homem e a mulher de fatos brancos, o observavam. Estava prestes a voltar-lhes as costas e a obedecer ao pai quando a rapariga levantou a cabeça de entre as flores e cravou os dentes no braço do homem do fato de plástico branco.

E então, o mundo desabou.

O homem gritou e arrancou o braço à boca da rapariga. Do buraco aberto no plástico começou a sair sangue, que se espalhou para o relvado.

O segundo soldado fez girar a arma. A pesada coronha da pistola-metralhadora embateu com força no queixo da rapariga, que ficou imediatamente imóvel, como se a tivessem desligado.

O soldado que estava a olhar para Matt baixou a arma e voltou-se para os outros.

— Como é que ele está? — perguntou-lhes.

A mulher do fato branco, ajoelhada junto do colega, começara a examinar a ferida. Levantou a cabeça ao ouvir a voz do soldado e respondeu:

— Mal. Temos de tirá-lo daqui.

— Peguem nela — ordenou o soldado. — Rápido.

— Não há tempo. Ele precisa de sangue limpo e já.

— E vai tê-lo. Peguem nela.

A mulher ainda olhou para o soldado por uma fração de segundo mas depois largou o colega e abriu a maca por cima da relva.

— Ajude-me — pediu ao outro soldado.

O soldado agachou-se e pegou na rapariga por baixo dos braços, levantando-a do canteiro. Matt arquejou ao ver os estragos provocados na metade inferior do corpo da rapariga.

As duas pernas tinham-se partido a meio das coxas, vendo-se as pontas dos ossos brancos que perfuravam a saia preta e empapada em sangue. O pé esquerdo estava horrivelmente torcido na zona do tornozelo, e o pé direito já só tinha três dedos, vendo-se os pequenos cotos vermelhos a brilhar debaixo da luz muito ténue.

Matt correu para ela. Não sabia o que ia fazer mas sabia que devia fazer alguma coisa. Ouvia o pai a gritar-lhe mas nem lhe ligou. O soldado que batera na rapariga com a arma viu-o atravessar o relvado a correr e começou a mexer-se, soltando um grito de aviso, mas não foi suficientemente rápido. Matt deslizou e aterrou de joelhos junto da rapariga caída, a olhar para a mulher do fato branco.

— Posso aju...

A rapariga estendeu, de repente, o braço e atingiu-o na garganta. Matt ainda sentiu a pele a oferecer um milissegundo de resistência mas as unhas enterraram-se na carne macia do pescoço para logo desaparecerem. Um jato de líquido vermelho irrompeu no escuro da noite e cobriu-lhe o queixo e o peito.

Matt não sentiu dor. Só surpresa e cansaço que, de repente, o dominou. Olhou para o líquido vermelho que continuava a jorrar e só depois é que percebeu que era o próprio sangue, quando caiu de costas lentamente em cima dos retalhos de relva. O sangue caiu-lhe molemente no rosto voltado para cima e, ao fechar os olhos, sentiu mãos a pressionarem-lhe o pescoço e ouviu um dos soldados dizer ao pai dele que o que estava a ver nunca acontecera.

5

UM MERGULHO NAS TREVAS

Jamie Carpenter sonhou com o pai.

Quando tinha dez anos, o pai chegou do trabalho, com a mão enfiada no casaco, e desapareceu pelas escadas acima sem sequer dizer olá ao filho. A mãe de Jamie fora visitar a irmã dela em Surrey e, passados alguns instantes, Jamie foi atrás do pai, em bicos dos pés, subindo os degraus um a um, lentamente.

Pela porta entreaberta da casa de banho viu o pai de pé diante do lavatório, com a mão direita lá dentro. Havia pingos vermelhos no espelho e na bacia branca do lavatório.

Jamie atravessou o patamar. O pai tinha a mão debaixo da torneira da água quente aberta, fazendo caretas de dor devido à temperatura da água. Quando fechou a torneira e puxou por uma toalha, Jamie viu-lhe a mão. Tinha um corte sangrento que ia do pulso ao cotovelo e qualquer coisa escura que parecia sair dele, de um castanho-escuro que sobressaía contra o fundo vermelho.

O pai limpou cautelosamente o sangue da ferida e meteu os dedos lá dentro. Cerrando os dentes, retirou o objeto escuro do braço, deixando sair um gemido bem audível quando o conseguiu soltar. Jamie ficou a olhar para o objeto. Parecia uma unha, com uns três centímetros de comprimento, aguçada e curva como uma garra. Com ela veio um pedaço de carne rasgada, presa à parte mais larga da unha, esbranquiçada pela luz brilhante da casa de banho.

Jamie abriu a boca, sem querer, com um ruído de espanto. O pai levantou de repente a cabeça e olhou para ele, que parecia paralisado e incapaz de dizer fosse o que fosse. O pai abriu a boca, como se fosse dizer alguma coisa, mas depois fechou a porta da casa de banho com o pé, deixando Jamie imóvel e às escuras no patamar.

Jamie acordou lentamente. Estava em movimento, ouvia o motor ruidoso de um carro algures atrás dele e o som da chuva a bater com força num vidro junto à cabeça. Abriu os olhos devagar e deu por si junto a uma janela, numa floresta escura, as árvores a dissolverem-se no escuro à medida que passava por elas, debaixo da chuva que caía em verdadeiros lençóis de água. Voltou a cabeça para ver quem ia a guiar e deu um grito. Ao mesmo tempo, e de modo instintivo, deitou a mão ao fecho da porta do passageiro e tentou abri-la, sem se preocupar com o que poderia acontecer se saltasse de um veículo em andamento e sabendo apenas que precisava de sair e de se afastar do horror sentado ao seu lado.

— Não vale a pena — disse o motorista, com uma voz tão forte que se sobrepunha ao motor. — Está trancada.

Jamie encostou-se à porta.

No assento do lado estava o monstro de Frankenstein.

Isto é um sonho, não é?! Tem de ser um sonho, não pode ser real.

— Não é bonito ficar a olhar especado para as pessoas — disse o monstro, e a Jamie pareceu-lhe ouvir a sugestão de uma risada por debaixo da voz trovejante, que parecia feita de granito.

— Quem é você? — perguntou Jamie, a custo, com a mente a lançar gritos de alerta: *Não fales com essa coisa! Não sejas estúpido! Vê se te calas!*

— O meu nome é Victor Frankenstein. Eu já me apresentei. Devo supor que não te lembras?

Jamie abanou a cabeça e Frankenstein resmungou.

— Era o que eu suspeitava. Ainda bem que tranquei as portas.

E soltou uma gargalhada, com um som que parecia o ribombar de um trovão.

— Só tenho autorização para te dizer algumas coisas — continuou Frankenstein. — Vou levar-te para um local seguro. O meu superior dir-te-á o que achar que precisas de saber.

— E quem é o seu superior? — perguntou Jamie.

A pergunta ficou sem resposta.

— Fiz-lhe uma pergunta — insistiu Jamie, a levantar o tom de voz. — Ouvia o que eu disse?

Frankenstein voltou a cabeça enorme e olhou para Jamie.

— Ouvi — respondeu. — E optei por não responder.

Jamie encolheu-se e nessa altura a imagem do sangue no parapeito da janela irrompeu-lhe no cérebro, e lembrou-se.

— A minha mãe... — disse, de olhos muito abertos — Temos de voltar para trás para a irmos buscar.

Frankenstein deitou-lhe um olhar preocupado.

— Não podemos voltar para trás — disse. — Ela desapareceu. Como bem sabes.

Jamie extraiu o telemóvel do bolso e percorreu a lista de contactos até encontrar o número da mãe. Depois, premiu o botão verde e levou o telemóvel ao ouvido.

Nada aconteceu.

Tirou o telemóvel do ouvido e olhou para o ecrã iluminado. O logótipo do operador que normalmente aparecia a brilhar no centro desaparecera, tal como a barra que indicava a rede.

— Os telemóveis não funcionam nesta zona — disse Frankenstein.

Jamie agarrou a pega da porta e começou a revirá-la até sentir o plástico a ceder.

— Para com isso! — urrou Frankenstein. — Não poderás ajudar a tua mãe se eu tiver de te raspar do alcatrão!

Jamie voltou-se para o monstro, de olhos faiscantes.

— Pare o carro! — gritou-lhe. — Pare já! Tenho de ir ajudar a minha mãe!

O carro não abrandou mas o homem enorme que o guiava observou-o.

— A tua mãe desapareceu — disse, suavemente. — Podes acreditar ou não, se te disser que isso me deixa tão perturbado quanto a ti. A realidade mantém-se: ela desapareceu. E andares a correr no escuro não vai fazer com que ela regresse.

Jamie olhou irritado para os parafusos no pescoço do homem enorme e, mais uma vez, foi a boca que se antecipou ao raciocínio.

— Pensei que Frankenstein fosse o criador e não o monstro — murmurou.

Os travões do carro guincharam, as rodas imobilizaram-se, deslizaram um pouco e acabaram por parar. E Frankenstein respirou fundo.

— Foi Victor Frankenstein quem me fez — retorquiu. — E durante algum tempo fui um monstro. Depois de Frankenstein ter morrido, fiquei com o nome dele. Para o honrar. E agora... Tens mais alguma pergunta impertinente ou posso continuar o nosso caminho para um sítio seguro?

Jamie anuiu.

— Desculpe — disse, calmamente.

Frankenstein ficou em silêncio.

— Já pedi desculpa.

— Eu ouvi — resmungou o monstro. — Aceito o teu pedido de desculpas tal como aceito o facto de estares preocupado com a tua mãe, sabendo que a preocupação pode levar as pessoas a dizer coisas insensatas. Quero que saibas que partilho da tua preocupação com a Marie e que vou levar-te às únicas pessoas neste país que poderão ser capazes de a fazer regressar para junto de ti. E agora, preciso, sobretudo, que te cales e que me deixes guiar.

Jamie voltou-se e ficou a olhar para a estrada por onde seguiam e que serpenteava pela floresta sossegada. As árvores de ambos os lados da estrada eram grossas, e a chuva incessante tornava-as ainda mais indistintas. Os faróis do carro pouco mais iluminavam do que a própria estrada, que era uma linha de betão estranhamente bem conservada para a zona rural do interior onde se encontravam.

De vez em quando, Jamie olhava para o condutor. Os olhos de Frankenstein estavam colados à estrada e nem de relance se voltavam para ele.

À volta do carro, parecia haver cada vez mais árvores. Jamie inclinou-se para a frente e levantou bem a cabeça. Já não conseguia ver o céu escuro. As árvores, que nasciam de ambos os lados da estrada, formavam um arco e transformavam-se num teto impenetrável feito de madeira e folhas.

Estas coisas não acontecem assim. Estamos num túnel. Houve alguém que construiu isto.

O carro descreveu de repente uma curva apertada e Jamie abriu a boca de espanto.

Diante deles viu um enorme portão verde-escuro. Ia de um lado ao outro da estrada e desaparecia por entre a cobertura das árvores acima deles, sem cantos visíveis. No centro do portão havia um grande letreiro branco, iluminado por uma lâmpada acima dele. A chuva batia na lâmpada, lançando sombras fugidias por cima do sinal, onde tinham sido pintadas quatro linhas num vermelho brilhante,

MINISTÉRIO DA DEFESA
 ÁREA INTERDITA
 ENTRADA PROIBIDA
 AO ABRIGO DA LEI DO SIGILO OFICIAL

Suavemente, sem qualquer ruído, o enorme portão abriu-se. A escuridão era absoluta do outro lado. Houve uma pausa e depois uma voz artificial fez-se ouvir através da chuva:

— Esta área é interdita. Deverá conduzir o seu veículo até ao ponto de autorização.

Frankenstein fez deslizar o carro e, por instantes, Jamie encheu-se de pânico.

Não vá para aí. Leve-me para casa. Eu quero é ir para casa.

O portão fechou-se atrás do carro, cortando a pouca luz que vinha das árvores.

— Ponha o seu veículo em ponto morto — ordenou a voz. E Frankenstein assim fez.

Por debaixo do carro ouviu-se, de repente, o ruído de máquinas a começar a funcionar e o veículo moveu-se. Só parou depois de percorrida uma distância que não conseguiram avaliar. Nessa altura, o carro foi rodeado por uma nuvem pressurizada de gás branco, que se ergueu do solo com um ruído que se tornou ainda mais ensurdedor no espaço fechado.

Instintivamente, Jamie estendeu a mão e agarrou-se ao braço de Frankenstein, perguntando:

— O que é isto?

— É um espetroscópio — respondeu Frankenstein. — Deteta os vapores libertados por explosivos. É para terem a certeza de que não trazemos nenhuma bomba. — Depois, levantou gentilmente a mão de Jamie da manga do casaco e voltou a pô-la em cima das pernas do adolescente.

— Por favor, indique os nomes e as creditações de todos os passageiros — pediu de novo a voz artificial.

Frankenstein baixou o vidro da janela do condutor e falou em voz alta e nítida para a escuridão:

— Frankenstein, Victor. NS302-45D. Carpenter, Jamie. Sem creditação.

Dois holofotes de halogéneo acenderam-se de repente, envolvendo o carro num círculo de luz branca ofuscante.

— Não é permitido o acesso a estas instalações a pessoal não acreditado — disse a voz artificial.

Frankenstein voltou a falar para a escuridão, mas desta vez o que disse soou como um rugido:

— O pessoal não acreditado está presente por autoridade de Seward, Henry, NS303-27A.

A pausa que se seguiu foi mais longa e deliberativa. Finalmente, a voz disse:

— Autorização concedida. Podem entrar.

Os holofotes desapareceram e foram substituídos por uma luz elétrica mais acolhedora. Jamie abriu muito os olhos, de espanto. Encontravam-se num túnel que teria, pelo menos, cinquenta metros de comprimento e dez de largura. Uma passadeira cinzento-escura cobria quase todo o chão e era no seu centro que o carro se encontrava parado. Dois caminhos de betão pintados de branco seguiam ao longo do túnel, de cada lado da passadeira. As paredes estavam imaculadamente limpas, subindo até um teto que devia ter pelo menos seis metros de altura. Nos pontos onde as paredes e o teto se uniam havia luzes de diversas formas e dimensões, todas apontadas à passadeira. Jamie viu também os círculos amplos dos holofotes e filas de grandes caixas retangulares com lentes roxas.

Frankenstein respirou pesadamente, enchendo o carro de ar quente, e pôs o pé no acelerador, seguindo a passadeira. Quando se aproximavam do fim do túnel, abriu-se outra porta, tão silenciosa como a primeira. Passaram por ela e Jamie viu pela primeira vez um mundo cuja existência era conhecida por poucas pessoas.

O carro foi banhado por luzes roxas e amarelas que criaram uma atmosfera simultaneamente fria e quente. À frente do carro, ao fundo de um caminho de asfalto iluminado por luzes colocadas a intervalos de cinco metros, uma cúpula baixa e cinzenta erguia-se do solo como se fosse a parte visível de uma bola enterrada. No lado esquerdo e mais ao fundo, à direita, havia duas enormes antenas de radar, vermelhas e brancas, que rodavam lentamente no topo de edifícios baixos de cor cinzenta. Para lá das antenas havia uma comprida pista para aviões, com luzes a piscarem a todo o seu comprimento e, numa das extremidades, dois enormes feixes de luz. Na pista, parcialmente oculto pela cúpula, viu um avião de passageiros pintado de branco com uma tira vermelha horizontal na fuselagem. Nessa altura, um grupo compacto de homens e de mulheres, vestidos com roupas civis, emergiu de detrás da cúpula e subiu por uma escada amovível para a porta do avião. Jamie ouviu-lhes as vozes e as gargalhadas que o ar da noite lhe trouxe.

Frankenstein premiu o acelerador e o carro avançou lentamente. Jamie voltou a cabeça, para tentar ver o túnel de onde haviam saído: um semicírculo largo e escuro, que desaparecia de vista à medida que se fechava a porta por onde tinham entrado. O que viu ao lado

do túnel, porém, fê-lo abrir a boca de espanto e de forma bem audível: uma estrada que partia daquela que percorriam lentamente e que seguia em sentido oposto, paralela ao túnel, cujo exterior era de um cinzento baço e indistinto. Quinze metros antes de o túnel desaparecer por entre a linha das árvores, a estrada fazia uma nova curva que descrevia um arco paralelo a uma enorme cerca metálica. Jamie abriu muito os olhos.

— Espere — disse. — Pare o carro. Quero ver isto.

Frankenstein rosnou, deitando-lhe um olhar de aborrecimento, mas parou o carro. Jamie abriu a porta e saiu. Voltou a cabeça de um lado para o outro, a tentar perceber o que estava a ver.

O interior da cerca tinha, pelo menos, quinze metros de altura e estava coberto por uma rede metálica grossa que terminava em arame farpado de aspeto muito agressivo. Na própria cerca, e a cada cem metros, havia torres de vigilância que eram cubos de metal no topo de postes de aspeto maciço. Não tinham luzes mas Jamie conseguiu ver os movimentos no interior da que lhe ficava mais próxima. Voltou-se e olhou para a outra torre, a cem metros de distância, e para as que se lhe seguiam. A cerca continuava sem que ele lhe visse o fim, parecendo descrever um círculo muito vasto. Passava pelo fim da pista, antes de desaparecer de vista por detrás de uma série de edifícios retangulares baixos no extremo oposto da pista. Jamie voltou-se e observou o cenário com atenção.

O que pudesse ver para lá desses edifícios estava obscurecido pela cúpula. Mais à direita havia um edifício muito maior encostado mesmo à pista, cujas portas metálicas se encontravam fechadas. Atrás deste edifício ainda se via a cerca, com as torres regularmente distribuídas ao longo de toda a sua extraordinária extensão. Jamie continuou a olhar em redor, ignorando Frankenstein que o observava com um ar meigo e divertido. A estrada que acompanhava a parte de dentro da cerca continuava até encontrar de novo o túnel e depois fazia uma nova curva até se unir à estrada central, a menos de seis metros do local onde se encontravam.

Para lá da cerca interior havia uma vasta extensão de terra cruzada por centenas de milhares de raios laser vermelhos, com uma complexidade tal que levaria às lágrimas o maior ladrão de joias do mundo que tivesse de a atravessar. Esta faixa de terra de ninguém tinha como fronteira, no outro lado, uma segunda cerca quase da mesma altura da que acompanhava a estrada. A floresta ficava para lá dessa cerca, formando um muro de ramos e de folhagem distorcidos,

a uma distância perfeitamente regular da cerca exterior. Cada centímetro quadrado do espaço entre a floresta e a cerca, que era um caminho de terra com uma largura de cinco metros, estava iluminado por luz ultravioleta de um roxo muito brilhante que saía de caixas pretas posicionadas a intervalos de três metros ao longo da cerca exterior.

Jamie sentia-se cada vez mais entusiasmado ao absorver a estranheza de tudo o que estava a ver.

Que sítio é este? E porque é que há tantas cercas, luzes e torres? O que é que querem manter à distância?

À medida que os seus olhos se ajustavam às luzes vermelhas e roxas que tinha pela frente, Jamie viu que no meio da rede faiscante de luzes laser havia uma série de holofotes gigantes com lentes redondas muito grandes apontadas ao céu. Olhou para cima e ficou de boa aberta.

— Oh, meu Deus — murmurou.

A luz dos holofotes não era visível mas o seu propósito tornou-se bem claro quando Jamie levantou a cabeça. Por cima dele, a cintilar suavemente no céu noturno, havia um enorme dossel feito de árvores que pareciam penduradas do céu, nascendo na orla da floresta sem uma única falha para cobrir a totalidade do local onde se encontravam. Vista de baixo, a imagem parecia unidimensional e vagamente transparente, como uma mancha de óleo numa poça de água, sendo visíveis algumas formas erráticas e a agitação irregular da parte de cima. Sentiu-se desorientado perante o que viu.

— O que é isto? — perguntou, numa voz maravilhada.

— É um holograma — respondeu Frankenstein. — Mantém os curiosos à distância.

Jamie conseguiu travar a tendência para querer saber quem seriam os curiosos e optou por perguntar como funcionava o sistema.

— Há um campo suspenso de partículas refletoras que cobre toda a base. Os projetores colocam nele, a partir do solo, uma imagem que se move.

— Como um ecrã de cinema gigante?

Frankenstein riu-se, com um som estranho semelhante ao de um latido de um cão, que não pareceu muito natural nele.

— É parecido — respondeu. — De cima, só se vê a floresta. Já examinaste tudo?

Não, nem nada que se parecesse, mas Jamie disse ao seu companheiro de viagem que sim, sabendo que era o que o gigante queria ouvir.

— Ótimo — replicou Frankenstein, num tom simpático, e voltou para o carro. Jamie fez o mesmo e puseram-se em movimento, a caminho da cúpula cinzenta.

Diante do edifício encontravam-se vários veículos militares, um camião de caixa aberta de aspeto pesado, uma fila de jipes e um número surpreendente de carros civis. Entre um dos jipes e um *BMW Série 3*, que já tinha visto melhores dias, havia uma zona de estacionamento demarcada a tinta branca no asfalto. Frankenstein dirigiu o carro para aí e parou. O gigante e Jamie saíram e caminharam até chegarem a um entalhe onde a cúpula se ligava à estrada que tinham acabado de percorrer. Na superfície cinzenta da cúpula havia uma porta aberta à espera deles.

Frankenstein fez sinal a Jamie para avançar e depois seguiu-o. Ficaram parados num corredor branco sem nada nas paredes à exceção de um emblema que parecia observá-los do alto da parede diante deles.

— E agora? — perguntou Jamie.

— Agora esperamos — respondeu Frankenstein.

Jamie examinou o emblema enquanto esperavam. Era constituído por uma coroa e uma porta gradeada de ferro no topo de um grande círculo onde tinham sido gravadas as imagens de seis archotes em chamas em redor de um crucifixo de aspeto muito simples. Abaixo do círculo havia três palavras em latim esculpidas na parede:

Lux Ex Tenebris

— O que é que querem dizer aquelas palavras? — perguntou Jamie, apontando para o emblema.

— *Das trevas surge a luz* — traduziu Frankenstein. — Era a frase preferida de um grande homem.

— Quem?

A porta fechou-se atrás deles, deslizando silenciosamente até encontrar a parede oposta, onde se encaixou com um forte ruído metálico. Ouvia-se o som que parecia provir de rodas de engrenagem a fazerem mexer máquinas pesadas e depois um som metálico mais suave, embora algo sinistro. E a porta ao fundo do corredor abriu-se, deslizando para o lado, para deixar à vista um elevador metálico prateado.

— Agora não — disse Frankenstein e seguiu ao longo do corredor. Jamie seguiu-o depois de alguns instantes de hesitação.

A cabina do elevador não tinha botões e, assim que entraram, a porta fechou-se e o elevador começou a descer. A sensação era

tão familiar e banal que a histeria suave que Jamie percebeu estar a sentir, desde que o ser do fato cinzento lhe entrara pela porta da casa onde vivia com a mãe, ameaçou provocar-lhe um ataque de riso. Controlou-se e esperou que a porta se abrisse. Quando o elevador se imobilizou, o cérebro de Jamie voltou a acelerar-se ao pensar no que poderia ver a seguir.

E o que viu foi um dormitório.

Uma sala comprida e larga, com camas estreitas alinhadas em cada um dos lados com lençóis e cobertores verde-oliva. As camas estavam todas num estado impecável, como se nunca alguém tivesse dormido nelas, e os armários de metal que as separavam brilhavam como se fossem novos.

— Que sítio é este? — perguntou a Frankenstein.

O monstro abriu a boca para lhe responder mas uma sirene ensurdecidora calou-o. Jamie levou as mãos aos ouvidos e, quando a sirene parou, viu Frankenstein a olhar para ele com ar preocupado, antes de lhe responder:

— Já vais saber.

6

O INCIDENTE NO TEATRO LYCEUM (PARTE 1)

STRAND, LONDRES
3 DE JUNHO DE 1892

A carruagem parou com um ruído de correntes metálicas na Rua Wellington, em frente dos altos pilares do Teatro Lyceum. Caía uma chuva miudinha e o condutor aconchegou melhor a capa sobre os ombros enquanto esperou que os seus passageiros descessem.

— Traga-me as malas, rapaz, as duas — disse o homem velho, com impaciência. Ficou parado no passeio empedrado, a aba do chapéu largo a cobrir-lhe o rosto, a olhar para o Sol que se punha em Trafalgar Square.

— Sim, senhor — replicou o criado, tirando a mala de médico de couro preto e uma pasta castanha da parte de trás da carruagem.

O velho cavalo preto que os transportara em Londres agitou-se quando o peso foi retirado e recuou, fazendo com que o criado perdesse o equilíbrio e caísse com um joelho no chão empedrado, deixando cair a pasta castanha. Uma estaca aguçada de madeira saiu do interior da pasta e foi parar aos pés de um homem obeso em fato de cerimónia, que se baixou para apanhar o objeto com um gemido provocado pelo esforço.

— Rapaz — disse, muito direito e numa voz enfatuada —, vê lá se tens cuidado, está bem? Uma pessoa pode estender-se ao comprimento com bocados de madeira destes a meterem-se-lhe debaixo dos pés.

O criado pegou na mala e pôs-se em pé.

— Lamento, meu senhor.

— Acho bem — disse o homem, devolvendo a estaca ao criado enquanto a mulher, tão volumosa como o marido, soltava uma risadinha elogiosa para com o seu sentido de humor.

O criado ainda ficou a vê-los a dirigirem-se para o Strand no seu passo oscilante e depois entregou as duas malas ao patrão, que observara a troca de palavras com um olhar impaciente. Pegando nelas sem dizer nada, voltou-lhe as costas e subiu os degraus da entrada. O criado fez uma pausa respeitosa de alguns segundos e depois seguiu-o.

Já no luxuoso átrio de tons vermelhos do teatro, o idoso ficou à espera de que o gerente noturno viesse ter com eles. Olhando em redor, observou as escadarias amplas que conduziam às duas alas do teatro e os cartazes de anteriores espetáculos que preenchiam as paredes e que eram quase todos ocupados pelo rosto do homem que o chamara: o ator Henry Irving.

O rosto atraente e pontiagudo do grande intérprete de Shakespeare era bem conhecido em Londres, tal como a sua voz profunda de barítono. O recém-chegado vira-o a representar *Otelo*, há duas temporadas, e considerara a interpretação inteiramente satisfatória.

— É o Professor Van Helsing?

Arrancado às suas memórias, o idoso olhou para o homem gordo e de rosto corado que tinha pela frente.

— Sou — respondeu. — É o senhor Stoker, presumo?

— Sim, senhor — disse o outro homem. — Sou o gerente noturno do Lyceum. Estarei correto se presumir que o senhor Irving lhe terá explicado por que motivo solicitou a sua presença?

— Na mensagem que me enviou informou-me de que uma das coristas desapareceu e de que suspeitava que poderia ter havido um crime, sendo que eu poderia ter alguma experiência em lidar com o tipo de crime que seria.

— Exatamente — disse Stoker. — Não é uma corista qualquer, porém. É...

A frase ficou por completar. Van Helsing observou mais de perto o gerente. O rosto tinha a vermelhidão de uma beterraba, os olhos pareciam lacrimosos e a cabeça estava rodeada por uma nuvem suave de vapor alcoólico. Era evidente que o homem fora procurar numa garrafa a coragem necessária para a noite de trabalho que se avizinhava.

— Senhor Stoker — disse Van Helsing, severamente. — Vim de Kensington a pedido do seu patrão e desejo tratar deste assunto antes de o Sol estar muito para lá do horizonte. Peço-lhe que me diga coisas que eu ainda não saiba.

Stoker levantou a cabeça como se o tivessem picado.

— O senhor desculpe — começou. — É que a rapariga que desapareceu, uma corista chamada Jenny Pembry, é uma das preferidas do primeiro-ministro Gladstone, que teve a gentileza de vir visitar-nos já por quatro vezes este ano. A ausência dela foi-nos indicada pelo primeiro-ministro depois de ele ter vindo assistir à nossa representação de *A Tempestade*, há dois dias, e o senhor Irving prometeu-lhe que iria descobrir o que acontecera. Quando ele disse ao primeiro-ministro que não o conseguira fazer, foi-lhe dito que um telegrama dirigido ao famoso professor Van Helsing, de Kensington, poderia revelar-se útil.

— E aqui estamos nós, portanto — cortou Van Helsing, endireitando-se, em voz bem alta e profunda. — Aqui, no meio de um teatro vazio, sem qualquer motivo que me faça pensar que esta rapariga desaparecida tenha feito algo de mais misterioso do que faltar-se do palco e optar por um emprego mais digno e decerto sem nada que sugira que este caso mereça a minha atenção. Não consigo perceber o que espera que eu aqui venha fazer, senhor Stoker.

O gerente recuara um passo. Tirou um lenço do bolso e passou-o furiosamente pela testa.

— Se o senhor pudesse dedicar algum tempo a examinar o camarim — disse depois, com a voz embargada. — O senhor Irving disse-me que o primeiro-ministro ficou muito perturbado com este assunto e eu não gostaria de lhe dizer que não consegui esgotar todas as possibilidades de um esclarecimento. Só lhe peço dez minutos.

Van Helsing olhou para o homem baixo de rosto vermelho que continuava diante dele e sentiu a cólera a atenuar-se e a ser substituída por uma frustração profunda. Já tinham passado nove meses desde que regressara com os seus amigos das montanhas da Transilvânia e, embora nenhum deles se tivesse referido publicamente ao que acontecera, os rumores sobre os acontecimentos ocorridos debaixo das torres de pedra do Castelo de Drácula estavam a alastrar. Agora, ele via-se inundado por pedidos de ajuda, desde pedidos para investigar soalhos que faziam barulho a aparições de fantasmas. E até, como agora parecia ser o caso, coristas desaparecidas.

Van Helsing sentia-se ansioso por poder regressar ao sossego do seu consultório, onde poderia continuar as suas pesquisas sobre o que vira no Oriente, mas continuavam a espalhar-se histórias preocupantes de sangue e de sombras oriundas dos países bálticos. Felizmente, nada havia ainda que sugerisse que as circunstâncias maléficas

causadoras da morte de dois dos seus amigos pudessem ter-se repetido em Londres e havia que dar graças a Deus... quanto mais não fosse por esse motivo.

— Peço-lhe desculpa, senhor Stoker — declarou. — Se me mostrar o caminho, examinarei os camarins, como sugeriu. — E depois voltou-se para o criado. — Pode regressar à carruagem, rapaz, que nada há aqui que exija a sua presença.

— Não obstante, meu senhor, acompanhá-lo-ei desde que isso não o incomode.

Van Helsing acenou-lhe com uma mão, desinteressado:

— Como quiser.

Stoker guiou-os pelo teatro, passando pelas filas compridas de assentos forrados a veludo vermelho e pelo fosso da orquestra, a caminho de uma porta que dava para os bastidores. As passagens estreitas estavam cheias até acima de adereços e de mobiliário próprio para o palco provenientes de antigas produções — uma torre de madeira de Verona, o trono partido de Titânia, a rainha das fadas, capas de arminho, capacetes e coroas com ferrugem, filas infinitas de facas e de espadas, tinta prateada já a descolar-se da madeira e a juntar-se em pequenos montes nas tábuas do soalho. O gerente falava sem cessar, enquanto conduzia Van Helsing e o criado pelos corredores poeirentos, com a sua confiança outra vez inflamada pelo pedido de desculpas do professor e pelo conteúdo da pequena garrafa de bolso, de onde já ia bebendo regularmente.

— É claro que o senhor Irving é um grande homem, é verdadeiramente um grande homem: é não só um bom patrão e um companheiro divertido, como um ator talentoso. Sempre estimulou os atores para se esforçarem e serem melhores. E tem utilizado o seu tempo pessoal para ensinar os que se revelam prometedores e para desencorajar, sempre com a maior das gentilezas, os que não o são. Mesmo as minhas modestas ambições encontraram nele um ouvinte, apesar de ele, naturalmente, ter tantas exigências que lhe ocupam muito do seu tempo. É um grande homem, verdadeiramente. Ele prometeu-me, palavra de um homem dada a outro homem, que leria a minha peça se eu alguma vez conseguir terminar a malvada. Que simpatia! Que generosidade! Embora eu receie que nunca irei conseguir aceitar tão amável oferta. Os limites da peça não deixam de me confundir e eu já estou prestes a admitir que pode não ser esse o meio de expressão para o qual esteja mais dotado. Um romance será uma melhor resposta? Penso que talvez seja. Talvez eu possa escrever sobre um

teatro em que as pessoas vão desaparecendo sem deixar rasto? Pode ser que seja um bom entretenimento, pelo menos por algum tempo. Até posso pensar em criar o herói inspirado no senhor Irving, que é um grande homem, tão...

— *Vão desaparecendo?*! — interrompeu Van Helsing, em voz baixa.

Tiveram de parar nessa altura. A porta onde se encontravam conduzia a um camarim indistinto, pouco maior do que uma despensa, onde havia três pequenas secretárias, cada uma delas voltada para um espelho cheio de pó, com três cadeiras de madeira rija. Nos cantos havia fatos e páginas com letras de músicas e diálogos.

— Como disse, meu senhor?

— O senhor disse «vão desaparecendo». Está a querer dizer que esta rapariga, Pembry, não é a primeira a desaparecer do Lyceum sem uma explicação?

Stoker limpou a testa com o lenço, com uma expressão confusa.

— Bem, saiba o senhor que não. Já houve outras, mas, como disse, a vida do teatro não é para toda a gente. Há quem opte por procurar a sorte algures.

— Quantas pessoas?

— Na totalidade, não sei. Nos últimos meses, foram quatro, tanto quanto sei. Um trompetista, uma substituta de Titânia e duas coristas de cujos nomes confesso não me lembrar.

— Quatro! — exclamou Van Helsing, fazendo com que Stoker se encolhesse contra a porta, que continuava aberta. — O senhor é gerente deste teatro, cinco dos seus empregados desaparecem, uns atrás dos outros, sem qualquer explicação, e o senhor não considera isso invulgar? E até acha que nem vale a pena dizer-me, mesmo quando eu sou cá chamado para investigar o mais recente desaparecimento e nem sequer por si mas para satisfazer o capricho de um político! O senhor será tolo?!

Stoker ficou especado a olhar para ele, boquiaberto. Depois, fechou a boca e murmurou qualquer coisa num tom de voz tão baixo que nem se fez ouvir.

— Que foi que disse, homem? Fale alto, se tem alguma coisa a dizer — exigiu Van Helsing.

— Sou só o gerente noturno — retorquiu Stoker, baixinho.

— Isso não serve de desculpa, de maneira nenhuma, e o senhor sabe-o bem. Escute-me, agora: aconteceu alguma coisa fora do normal nos últimos meses que possa ter coincidido com os desaparecimentos? Pense!

Stoker voltou as costas a Van Helsing, que olhou para o criado, imóvel, à distância de alguns metros, com uma expressão impassível. Aguardavam.

O gerente acabou por se voltar para eles. Os olhos apresentavam-se ainda mais vermelhos e a respiração entrecortada sugeria que estava à beira das lágrimas.

— Não consigo recordar-me de nada que seja significativo, além do triste acontecimento que envolveu o nosso maestro, Harold Norris.

— E qual foi o acontecimento?

— O senhor Norris sofria de uma condição nervosa. Há seis meses, o senhor Irving concedeu-lhe uma dispensa para poder convalescer, na esperança de que uma ausência da agitação de Londres o pudesse ajudar. Como já disse, a generosidade do senhor Irving não conhece...

Van Helsing interrompeu-o, impaciente:

— O que foi que aconteceu?

— Infelizmente, o senhor Norris morreu. Quando regressou, não parecia estar melhor. Queixava-se de febre e de fome e, não mais de duas semanas após o seu regresso, fomos informados pelo irmão de que ele falecera. Só no mês passado é que conseguimos encontrar um substituto para ele com caráter permanente.

— Para onde é que Norris foi convalescer?

— Para a Roménia.

O criado respirou fundo. E Van Helsing, numa voz ameaçadora, perguntou:

— Onde é que vivia o maestro?

Stoker olhou para ele com ar confuso.

— Harry Norris era um homem simpático e gentil com mais de sessenta anos e estava há pelo menos vinte anos no Lyceum. Não fazia mal a uma mosca, garanto-lhe. E mesmo que eu esteja errado, o pobre está morto e não pode, naturalmente, estar envolvido no desaparecimento de que estamos a ocupar-nos esta noite.

A mão de Van Helsing saiu disparada das profundezas da sua capa e agarrou com força o braço do gerente. Stoker deu um grito.

— Onde é que ele vivia? — insistiu o idoso.

— Não sei! — respondeu o gerente, num tom suplicante. — Não sei, na verdade. Ele era sempre o último a sair do teatro e vivia sozinho. Agora, por favor, queira largar o meu braço, peço-lhe!

Van Helsing soltou-o e Stoker de imediato agarrou o braço com a mão, fitando o velho médico com um expressão de puro horror.

— O que é que há debaixo deste edifício? — perguntou Van Helsing.

— Não sei — murmurou o gerente, ainda agarrado ao braço.

— Talvez seja chegada a altura de saber. Conduza-nos ao fosso da orquestra, rápido.

— É por aqui — disse Stoker, falando ainda em voz baixa num tom de medo e de dor, e guiando-os depois em direção às entranhas do teatro.

A segunda viagem através dos bastidores do Lyceum foi feita em silêncio.

O gerente conduziu-os por corredores com camarins, passando por uma porta maior e mais afastada das outras, sobre a qual se podia ler «Sr. H. Irving» numa letra elegante. Passou ainda por portas com placas que diziam *Maquilhagem*, *Oficina*, *Instrumentos de Metais*, *Instrumentos de Sopro*, *Instrumentos de Percussão* e *Reservado* e, finalmente, desceu por uma escada estreita que terminava numa porta que dava para a parte de trás do fosso da orquestra. Van Helsing pôs a mão no ombro de Stoker e foi o primeiro a entrar no fosso, avançando rapidamente por entre as cadeiras e as estantes para partituras muito bem arrumadas, até aos dois degraus de madeira quase rasos que levavam à tribuna do maestro. Depois parou aí. O gerente e o criado ficaram para trás, no fosso.

Na tribuna havia um tapete circular vermelho a cobrir o chão, uma estante ornamentada com a partitura de *A Tempestade* e nada mais. Van Helsing disse a Stoker e ao criado para recuarem. Depois baixou-se, agarrou o tapete e arrancou-o ao chão da tribuna com um gesto violento.

— Meu senhor, tenho de me opor a isto! — exclamou Stoker. — É demasiado...

— Venha cá — interrompeu-o Van Helsing — e veja se ainda tem fundamento para essa sua objeção.

Stoker e o criado subiram os dois degraus. No chão havia uma pesada porta de madeira.

Van Helsing voltou-se para Stoker e para o criado e avisou-os:

— É preciso ter muito, mas muito cuidado a partir de agora.

É DIFÍCIL RESPIRAR QUANDO SE TEM UMA MÃO À VOLTA DO PESCOÇO

As luzes do dormitório ficaram de um roxo ultravioleta quando o alarme começou a tocar, com um som que se transformou em marteladas dentro da cabeça de Jamie. Frankenstein tirou um rádio do cinto e marcou três dígitos. Depois levou o rádio ao ouvido e cobriu o outro ouvido com a mão, ficando à escuta.

— Que se passa? — exclamou Jamie. Frankenstein levantou uma mão para ele ficar sossegado e voltou-se, a orelha quase enfiada no ombro, ainda a tentar ouvir as palavras que saíam do rádio.

Jamie olhou em redor. Havia uma porta na parede à sua esquerda e foi para aí que correu, a querer desesperadamente fugir ao barulho que lhe punha a cabeça e o estômago às voltas, ansioso por sair do sítio onde se encontrava para procurar a mãe. Frankenstein estendeu a mão para o agarrar mas Jamie percebeu-lhe o gesto, evitou-lhe os dedos esticados, empurrou a porta e desapareceu.

Só teve tempo para perceber que se encontrava num corredor cinzento muito comprido quando qualquer coisa chocou com ele, derrubando-o e atirando-o de encontro à superfície plana do chão. O choque da cabeça no solo fê-lo ver estrelas, ouvindo uma voz a gritar antes de conseguir pôr-se de pé outra vez.

— Que raio andas tu a fazer? — perguntou-lhe um homem baixo e gordo, que vestia uma bata branca de médico e olhava para ele com uma expressão de grande aborrecimento. — Quem és tu? Que

andas aqui a fazer? — Quase gritava, para se fazer ouvir por cima do som do alarme.

— Chamo-me Jamie Carpenter — respondeu Jamie, também a gritar. — Pode dizer-me onde estou? Por favor?...

— Como é que disseste que te chamavas? — inquiriu o médico, abrindo os olhos de espanto.

Jamie repetiu o nome.

— Bolas, bolas! — O médico olhou em redor, como se esperasse encontrar alguém que lhe dissesse o que devia fazer. — É melhor vires comigo — acabou por dizer, numa voz agitada, estendendo uma mão a Jamie. — O Seward vai esfolar-me vivo se te acontecer alguma coisa. Vá, põe-te em pé.

Jamie levantou-se.

— Onde é que vamos? — perguntou.

— Às chegadas — gritou-lhe o médico. — Há qualquer coisa que vem a caminho e aí é o sítio mais seguro onde podes estar.

— Porquê?

— Porque é onde estão as armas.

Jamie percorreu corredores sem fim, sentindo a cabeça a latejar devido aos uivos incessantes do alarme e ao piscar violento das luzes roxas. O médico, apesar da compleição, corria com uma determinação muito séria, de maxilares cerrados e sempre a olhar para a frente, e Jamie teve de fazer um esforço para acompanhar os seus passos.

O médico deteve-se finalmente diante de uma vasta plataforma elevatória que pouco mais era do que uma caixa metálica aberta com riscas pretas e amarelas. Jamie subiu, o médico premiu um botão que estava numa das colunas metálicas, ouviram por cima deles o ruído feito por máquinas em movimento e a plataforma começou a subir enquanto os seus dois passageiros se curvavam, de mãos nos joelhos, a tentar recuperar o fôlego.

Jamie encheu os pulmões de ar e endireitou-se. E viu uma caverna aberta, onde se encontrava um objeto muito grande de formas angulares, iluminado pelos pontos de luz roxa das paredes e do solo que revelavam os seus estranhos pormenores: três enormes conjuntos de rodas, uma fuselagem triangular escura e duas asas muito compridas, que iam quase até às paredes dos dois lados. Jamie ainda se agachou para ver melhor, à medida que a plataforma continuava a subir, mas o objeto desapareceu por baixo dele.

— O que era aquilo? — perguntou.

— Não te preocupes com isso — arfou o cientista, em jeito de resposta. — Mantém é os olhos postos neste elevador.

Jamie olhou para ele, encolheu os ombros e voltou-lhe as costas.

Gordo estúpido. Não me digas para onde é que posso ou não posso olhar.

Por cima da cabeça de Jamie voltaram a fazer-se ouvir os ruídos metálicos das engrenagens e o elevador começou a abrandar. Subiram por uma abertura acinzentada que, de repente, se transformou numa sala muito grande cheia de movimento e de barulho.

Um dos lados da enorme sala semicircular abria-se para uma vasta área alcatroada que ia ter a meio da pista comprida e bem iluminada. Lá dentro viram duas filas de figuras vestidas de negro formando uma barreira de cerca de dois metros e quarenta diante das gigantescas portas abertas, apontando as pistolas-metralhadoras à escuridão. Jamie sentiu um arrepio a subir-lhe pelas costas quando os viu.

Já vi este tipo de pessoas. Parecem soldados, parecem os homens que...

Jamie não conseguiu concluir o pensamento. Desviou o olhar das figuras escuras e viu o emblema redondo que vira pela primeira vez no corredor branco, desenhado, neste caso, no alto da parede do enorme hangar. As mesmas três palavras latinas encontravam-se estampadas debaixo do desenho, ao longo de quase toda a superfície:

Lux Ex Tenebris

Por detrás das filas de soldados, dezenas de homens e mulheres com batas brancas azafamavam-se por toda a sala de piso de betão — *Sala não, hangar. Não se fazem salas assim tão grandes* —, empurrando macas hospitalares e dispositivos intravenosos de um lado para o outro. Uma porta maleável de aço abriu-se verticalmente à direita de Jamie e dela saíram quatro pessoas vestidas da cabeça aos pés com fatos protetores completos que traziam para o hangar dois carrinhos cobertos por tendas de oxigénio de material plástico.

À distância, Jamie ouviu o martelar pesado de um motor.

— Está a chegar! — gritou um dos soldados.

— Quanto tempo? — perguntou um homem alto e magro como um esqueleto por detrás de um computador portátil assente num pesado carrinho de metal.

— Noventa segundos!

A atividade no hangar acelerou, os médicos, os cientistas e os soldados pareciam correr em todas as direções, com os tacões dos sapatos e das botas a matraquearem o betão.

Um estrondo violento ouviu-se à esquerda de Jamie e fê-lo saltar. Uma porta de metal pesada abriu-se de rompante e batera contra a parede com um baque ensurdecedor. Frankenstein irrompeu pela abertura com os seus passos pesados, enquanto a monstruosa cabeça rodava, examinando o hangar. Viu Jamie e ofereceu-lhe um sorriso, que não mostrava nenhum humor, e avançou para ele.

Jamie ficou paralisado enquanto Frankenstein atravessava o hangar com uma simples dúzia das suas passadas de gigante e o agarrava pela gola da t-shirt, inclinando a cabeça descomunal para ficarem os dois frente a frente. Os lábios estavam fechados numa linha severa, os maxilares imóveis e o ar expelido pelas narinas cavernosas tinha força suficiente para fazer voar os cabelos caídos sobre a testa de Jamie.

Está a tentar não me matar. E a tentar com muita força.

Os olhos disformes de Frankenstein, com as pupilas de um cinzento de ardósia, cravaram-se nos de Jamie. E o monstro disse-lhe, finalmente:

— É a última vez que foges de mim. Estás a perceber?

— Eu...

— Não digas nada — rugiu Frankenstein. — Nem uma palavra. Limita-te a acenar com a cabeça se percebeste. Não quero ouvir as tuas desculpas. *Percebeste?*

Jamie fez que sim com a cabeça e depois desviou o olhar, sentindo que lhe brotavam as lágrimas provocadas pela vergonha e pela humilhação nos cantos dos olhos. Vários soldados e médicos tinham interrompido o que estavam a fazer para observarem o confronto, sem sequer desviarem os olhos para a luz ofuscante do helicóptero que iluminou a pista de aterragem, para lá das portas do hangar. E Jamie sentiu-se tão incomodado pelos olhares deles como pelos olhos do gigante, que se mantinha à sua frente.

Movimento num dos cantos do hangar chamou-lhe a atenção. Uma secção da parede de betão deslizou e do outro lado surgiram quatro vultos vestidos de negro. Tinham grandes pistolas-metralhadoras pretas presas à coxa direita e tubos pretos mais pequenos na coxa esquerda com cabos que se ligavam a depósitos quadrados pendurados às costas. Jamie reconheceu de imediato os tubos: eram uma versão mais pequena da arma que vira Frankenstein disparar em casa da sua mãe.

Meu Deus, isto está mesmo a acontecer e eu não vou acordar. E a minha mãe está mesmo desaparecida.

Os quatro soldados que saíram do corredor oculto ocuparam as suas posições, dois de cada lado da porta, e um quinto homem irrompeu da

escuridão, passou à frente dos guardas e dirigiu-se para a gigantesca abertura lateral do hangar. O recém-chegado tinha a mesma roupa preta dos restantes mas não tinha o visor roxo. Jamie viu uma madeixa grisalha a ser afastada da testa. Ao atravessar o hangar, olhou rapidamente em redor e os seus olhos cruzaram-se com os de Jamie. Uma expressão de surpresa alterou o rosto do homem. Voltou-se para um dos guardas, disse-lhe qualquer coisa e depois começou a andar na direção de Jamie.

— Victor! — chamou, atravessando rapidamente o hangar. Frankenstein voltou-se, viu-o a aproximar-se e praguejou baixinho. Depois olhou para baixo, para Jamie, e o olhar dele ficou mais focado, como se ele se tivesse esquecido de que estava a segurar num rapaz pela gola da t-shirt. Voltou a praguejar, desta vez mais alto.

Ele não está zangado comigo. É outra coisa qualquer. Parece estar assustado.

Frankenstein libertou Jamie e disse-lhe para se pôr direito. Jamie assim fez, embora de má vontade, no momento em que o homem mais velho se aproximava deles.

— Victor — voltou a dizer —, pode explicar-me porque é que está um adolescente civil dentro do edifício mais secreto do país? Espero que possa, para seu próprio bem.

Frankenstein ficou direito como uma tábua, muito acima de Jamie e do recém-chegado.

— Almirante Seward — começou, por cima das cabeças deles —, este rapaz é Jamie Carpenter. Tirei-o da casa dele quando o Alexandru se preparava para lhe rasgar a garganta. A mãe desapareceu, senhor almirante. E eu não sabia para onde é que seria melhor transportá-lo.

Seward pareceu não ter ouvido nada depois do nome de Jamie. Recuara muito visivelmente ao ouvi-lo e agora estava a olhar para o rapaz com uma expressão de completa surpresa.

— Jamie Carpenter? — perguntou. — O seu nome é mesmo Jamie Carpenter?

— É — respondeu Jamie. Já nada havia que o surpreendesse e quando Frankenstein lhe ordenou que respondesse como devia ser, limitou-se a acrescentar um «sim, senhor almirante», sem qualquer objeção.

O almirante Seward já estava a refazer-se da surpresa, recuperando a sua compostura.

— Em circunstâncias normais, eu diria que era um prazer conhecê-lo — disse a Jamie. — Esta não é uma noite normal, porém, nem

parece ter sido um dia normal pelo barulho que ouço. E quanto a si... — Calou-se mas depois retomou a sua postura inicial. — Gostaria de vê-lo no meu gabinete, senhor Carpenter, quando este assunto estiver resolvido. Victor, poderá acompanhá-lo?

Frankenstein disse que o faria e nessa altura o helicóptero aterrou no exterior do hangar. Depois, tudo começou a acontecer muito depressa.

Quando os rotores abrandaram, abriu-se uma porta no flanco metálico do helicóptero e uma figura vestida de negro saltou para o solo, acenando com um braço para indicar aos cientistas que podiam aproximar-se. Enquanto os homens e as mulheres de bata branca se apressavam a dirigir-se à pista de aterragem, o soldado voltou-se para o interior do helicóptero e ajudou um homem num fato protetor a descer. Vinha sem a cobertura da cabeça e tinha o braço dilacerado. Do rasgão escorria sangue que parecia brilhar de modo doentio à luz amarelada do helicóptero. O soldado pôs o outro braço do homem à volta dos seus ombros e ajudou-o a dirigir-se para o hangar, meio arrastado meio a andar.

O almirante Seward apressou-se a ir ter com eles, sobrepondo a voz ao ruído do helicóptero, que estava a atenuar-se rapidamente.

— Façam o relatório — ordenou.

— Meu almirante, a pulsação está fraca e a contagem dos leucócitos no mínimo.

Enquanto o soldado fazia o resumo da situação, chegaram os cientistas também vestidos com os fatos protetores, trazendo com eles uma maca, onde deitaram o ferido.

O almirante Seward voltou-se e observou os cientistas que, quase a correr, levavam a maca de regresso ao hangar e a faziam desaparecer por detrás de uma pesada porta de metal marcada com triângulos amarelos de perigo. Depois dedicou a sua atenção ao helicóptero, de onde emergiam mais pessoas.

Um segundo soldado e uma mulher com um fato protetor saltaram do helicóptero e retiraram uma maca tapada por um plástico, abrindo-lhe as rodas e empurrando-a depois para o hangar. Mesmo do local onde se encontrava, no fundo do hangar, Jamie conseguiu ver que a maca não vinha vazia. Debaixo do plástico, manchado com pintas vermelhas, havia uma forma escura.

— Desviem-se! — ordenou Seward, quando a maca chegou junto à multidão de homens e de mulheres que estavam de boca a aberta a olhar para ela. — Abram alas, por amor de Deus!

Seward contornou a maca em passo de corrida e conduziu-a para as portas duplas existentes atrás de Jamie. Jamie deu um passo em frente e sentiu o coração a dar um pulo. Sob a cobertura de plástico encontrava-se um rapaz muito pálido, com a respiração quase inaudível, e com um monte de compressas empapadas em sangue, metidas no buraco aberto na garganta.

Caramba, ele é da minha idade. Que foi que lhe aconteceu?

E depois o rapaz desapareceu, empurrando pelos médicos em passo de corrida, na direção da saída do hangar. Jamie ficou a ver a maca a ir-se embora, sentindo o medo que lhe subia pela coluna à medida que a realidade se apoderava dele.

Podia ter sido eu.

Junto ao helicóptero havia mais movimento. Estava a ser descarregada outra maca do interior e esta também transportava uma pessoa.

Jamie furou por entre a multidão de soldados e de cientistas, indo ao encontro da maca quando ela chegou à porta do hangar. Olhou para baixo e depois recuou, com passos trémulos, a sentir o coração na boca.

A olhar para cima, para o teto distante do hangar, e com uma careta de dor no rosto, encontrava-se a rapariga que o atacara algumas horas antes.

A rapariga cujo rosto vira na janela na noite em que o pai fora morto.

Arquejando, devido ao choque, Jamie viu a rapariga voltar-se, olhar para ele, e sorrir.

— Jamie... Carpenter —, disse ela, com uma voz vacilante em que, estranhamente, parecia haver a tentativa de um sorriso capaz de furar a barreira da dor. A maca parou e o cientista que a empurrava olhou para Jamie.

— Como é que ela o conhece? — perguntou o cientista, numa voz desconfiada e com uma sombra de medo. — Quem raio é você?

Jamie olhou para ele inexpressivamente, a pensar na resposta que poderia dar, mas a rapariga falou novamente, numa voz demasiado baixa para ele conseguir perceber.

Baixando-se para a tenda de plástico, perguntou:

— Que disseste?

Atrás dele, ouviu a voz de Seward a perguntar o que estava a acontecer e depois Frankenstein a dizer o nome dele em voz alta e com uma nota de urgência, mas não quis saber. Havia qualquer coisa de muito bonito nos olhos castanhos da rapariga, apesar do pesado lençol plástico que a cobria, e ele curvou-se ainda mais, repetindo a pergunta.

— A culpa... foi tua — disse a rapariga, com um sorriso largo, aparentando já não sentir dor.

Uma mão agarrou Jamie pelo ombro e ele percebeu, sem precisar de olhar, que pertencia a Frankenstein. Antes de conseguir mexer-se, a rapariga sentou-se, com uma velocidade estonteante, e, ainda coberta pelo plástico, atirou-se a Jamie.

Embateu nele à altura do peito e Jamie caiu de costas. A cabeça bateu no chão e foi como se um pilar feito de dor lhe penetrasse o cérebro. A rapariga caiu em cima de Jamie, ficando sentada de pernas abertas em cima da cintura dele com o mesmo sorriso desagradável no rosto e Jamie viu Frankenstein deitar-lhe as mãos enluvadas ao pescoço. Com um golpe do braço coberto de plástico, porém, a rapariga atirou o gigante para trás. As pernas de Frankenstein chocaram contra o carrinho que ela ocupara, e que entretanto tombara, e a cabeça do monstro embateu com força no chão.

Jamie assistiu a tudo por entre um nevoeiro de dor, enquanto os olhos se tentavam fechar e um som estridente e ensurdecedor lhe perfurava a cabeça. A rapariga atirou-se para cima dele, ainda coberta pelo plástico, abriu a boca e mergulhou o rosto no pescoço de Jamie.

Jamie sentiu as pontas aguçadas dos dentes dela através da cobertura de plástico e percebeu que ela estava a tentar encontrar um ponto de apoio. Abriu a boca e gritou até a rapariga se erguer e pôr as mãos à volta da garganta dele, cortando-lhe o abastecimento de ar aos pulmões.

Não consigo respirar. Ela vai estrangular-me.

Levantou a cabeça e, com um olhar turvo, encarou a aparição coberta de plástico que ia matá-lo. A rapariga começara de novo a sangrar, largando pingos vermelho-escuros no interior da cobertura de plástico enquanto uivava, gritava e lhe apertava o pescoço cada vez com mais força. Jamie ainda conseguia ouvir vozes, embora vindas de muito longe. Dois vultos — e Jamie não conseguiu perceber se seriam soldados, cientistas ou outra coisa qualquer — agarraram a rapariga e tentaram forçá-la a largá-lo. Ambos foram projetados para longe, porém, pelos movimentos desprendidos do braço esquerdo da rapariga, que um milissegundo depois voltou a exercer a sua pressão mortífera no pescoço de Jamie.

— Disparem — ouviu Jamie dizer alguém, numa voz que parecia vir de debaixo de água, antes de lhe chegar o som repetido de tiros que pareciam fogo de artifício. A rapariga contorceu-se, saltou, e o interior do lençol de plástico ficou coberto de sangue, que também

saiu pelos buracos abertos pelas balas para se ir espalhar no rosto de Jamie. Apesar disso, ela não lhe largou o pescoço.

A cabeça de Jamie já latejava, a visão escurecia e o peito ardia-lhe. Precisava de ar antes que fosse tarde demais.

Quando já sentia os olhos a fecharem-se, houve qualquer coisa muito grande que lhe passou à frente do campo de visão. Jamie ouviu o som de coisas a partirem-se e, de repente, a pressão que sentia na garganta desapareceu misericordiosamente. Abriu a boca e inspirou com toda a força, sentindo ainda a respiração tolhida pelo medo, o peito a querer gritar e a cabeça empurrada para trás, enquanto o oxigénio lhe enchia os pulmões desesperados.

Cercou-o uma incrível cacofonia de sons e de movimentos vindos de todos os cantos do hangar, mas Jamie quase nem ouviu, dominado que estava pela maravilhosa sensação de ter triunfado sobre a morte e de ter a certeza de que afinal já não iria morrer.

Pelo menos por agora.

A visão começava a ficar mais nítida e o latejar que sentira na cabeça já se atenuava quando viu um vulto escuro aparecer diante dele e ajoelhar-se.

Jamie olhou para o vulto agachado junto dele, à medida que a imagem se tornava mais distinta, e percebeu que estava a olhar para o rosto de Frankenstein.

— Consegues sentar-te? — perguntou o monstro com uma voz surpreendentemente gentil.

Jamie fez que sim com a cabeça e, apoiando-se nos cotovelos, ergueu-se e olhou em redor. No imenso hangar, havia alguns cientistas e médicos à volta dos soldados caídos mas quase toda a gente o observava com expressões de preocupação e de medo. Jamie sentiu um assomo de pânico e procurou com o olhar a rapariga que o atacara.

— Não te preocupes com ela — disse-lhe Frankenstein, como se pudesse ler-lhe a mente. — Já a prenderam.

Apontou para a esquerda, para as portas abertas, e Jamie seguiu-lhe o gesto com o olhar e sorriu, debilmente, ao ver o que se passava.

Dois soldados seguravam a rapariga. Tinha o lado esquerdo do rosto inchado e os braços e as pernas pendiam-lhe molemente para o chão. Jamie viu um dos cientistas enfiar-lhe uma agulha hipodérmica no pescoço e pressionar o êmbolo, injetando-lhe um líquido azul brilhante na jugular. Dois médicos levantaram a maca, endireitaram-na e levaram-na aos soldados, que deitaram a rapariga

em cima daquela. Os médicos correram o fecho do plástico e Jamie ficou a olhar para a forma imóvel debaixo da cobertura. O peito da rapariga subia e descia lentamente.

— Ela não está morta — disse Jamie, em voz baixa. — Mas eles dispararam. Eu vi as balas a atingirem-na.

— Pois, ela não está morta — confirmou Frankenstein. — Está... outra coisa.

O INCIDENTE NO TEATRO LYCEUM (PARTE 2)

POR BAIXO DO TEATRO, LONDRES
3 DE JUNHO DE 1892

O criado de Van Helsing foi o primeiro a descer, segurando-se à corda, com uma mão a seguir à outra e um candeeiro pendurado do cinto. A abertura estava completamente às escuras mas a bruxuleante luz do gás conseguia iluminar até as zonas mais remotas e ele acabou por chegar ao chão com movimentos suaves.

— Cerca de três metros e meio! — gritou depois, para o patrão. Ouviu-o dizer a Stoker para ir arranjar uma escada que medisse pelo menos quatro metros e meio, sorriu e olhou em redor, iluminando a área com o candeeiro.

Encontrava-se numa câmara redonda, construída com grandes pedras brancas que, ao longo de anos de poeira e de escuridão, haviam ganho manchas acinzentadas. Nas paredes da câmara onde havia quatro arcos, as pedras começavam a desfazer-se em alguns pontos mas pareciam seguras. O mesmo não se podia dizer das passagens de três dos arcos. Os tetos já tinham cedido há muito tempo, transformando-se em montes de pedras soltas que bloqueavam por completo o caminho. Só a quarta passagem é que se encontrava desimpedida com o chão de pedra a mostrar inúmeras pegadas.

Os pés de madeira de uma escada caíram no solo atrás dele, e depois Van Helsing e Stoker desceram, um atrás do outro, com os seus próprios candeeiros.

— Que sítio é este? — perguntou Stoker, de olhos muito abertos, ainda a adaptar-se à escuridão.

— Ou catacumbas, ou um conjunto de caves, ou algo completamente diferente — respondeu Van Helsing, a olhar para as paredes de pedra, enquanto o criado sentia um arrepio a descer-lhe pela espinha. Nunca ouvira ao patrão uma voz tão insegura desde que o servia, há dois anos.

O velho professor aproximou-se do arco que dava para a única passagem utilizável e olhou para as pegadas deixadas no solo poeirento.

— Por aqui — disse, passando por baixo do arco.

O espaço existente entre as paredes de pedra só permitia a passagem a uma pessoa de cada vez e por isso Stoker seguiu atrás de Van Helsing, com o criado a fechar a coluna, a mão enfiada no bolso do casaco a agarrar com muita força em qualquer coisa.

Van Helsing guiou-os pelos corredores de pedra, parando nos pontos onde eles se cruzavam com outras passagens e derramando nesses pontos um pouco do petróleo do candeeiro, a que depois deitou fogo para assinalar o caminho que os levaria de regresso à escada.

As passagens eram de um negrume absoluto, sendo apenas iluminadas pela luz alaranjada dos candeeiros. Na orla das áreas iluminadas viam-se ratos a esgueirarem-se para o interior de fendas abertas nas velhas pedras, deixando na poeira os rastos finos das caudas. Das paredes pendiam teias de aranha pesadas e intrincadas, em fios de seda que mais pareciam cordas e que se agarravam ao cabelo dos três homens, raspando-lhes nas caras. As aranhas castanho-escuras que as tinham tecido estavam metidas nas espirais mais altas. Eram animais de corpo grande que Van Helsing não conseguiu identificar, dado que preferiu guardar para si próprio. O chão de pedra era irregular e tinha fendas e partes pouco firmes que tornavam o avanço mais lento. Por duas vezes, o criado teve de estender a mão para agarrar o ombro de Stoker quando uma das lajes do chão se mexeu debaixo dos seus pés, evitando assim que o gerente do teatro pudesse torcer um pé ou sofrer pior sorte.

Este não era um local onde fosse fácil transportar um homem ferido.

Era difícil ter uma ideia da passagem do tempo nesta escuridão mas, depois de um período que poderia ter sido tão longo como uma hora ou tão breve como dez minutos, acabou por tornar-se visível à distância uma luminosidade que ficava para lá do arco das lanternas dos três homens. E foi para aí que se dirigiram.

A luz foi-se tornando cada vez mais brilhante à medida que iam avançando, pondo a nu mais pormenores das paredes de pedra. À altura das cabeças dos três homens, esculpidas nas grandes lajes das estreitas passagens, viam-se os rostos grotescos de gárgulas, de bocas muito abertas e línguas bifurcadas que pendiam por entre dentes triangulares, com olhos que espreitavam por entre as dobras de uma pele amarrotada e finamente trabalhada. Stoker, que já praticamente não tirava a garrafa da boca, disse qualquer coisa para si mesmo quando passaram por elas. O criado olhou para ele com sentimentos contraditórios. Não queria estar dependente de um homem embriagado se, como parecia crescentemente provável, se deparassem com qualquer tipo de problemas à saída do labirinto. Por outro lado não tinha vontade nenhuma de responder às perguntas do gerente nem de lhe acalmar os medos. Se o *brandy* o mantinha sossegado e lhe punha um pé à frente do outro, o criado achava que isso já seria suficiente.

Quando chegaram mais perto da fonte de luz, perceberam que ela brilhava por debaixo de um arco decorado, muito mais largo do que a passagem que haviam percorrido. Na realidade, até a própria passagem parecia estar agora a alargar-se, com as paredes e o teto a afastarem-se gradualmente, expandindo o corredor de uma forma muito desorientadora. Stoker tropeçou mais uma vez e o criado agarrou-o pelo ombro e endireitou-o. O gerente murmurou palavras de agradecimento e continuaram a andar até passarem por baixo do enorme arco, para verem o inferno à frente deles.

O arco dava para uma caverna quadrada, iluminada em cada um dos lados por pares de archotes em chamas. A zona mais baixa das paredes estava coberta de entalhes: rostos de gárgulas, figuras humanoides e passagens extensas de texto, escritas na pedra numa língua que o criado nunca antes vira. Numa laje de pedra, no centro da caverna, com os braços e as pernas presas com corda e a pele tão pálida que quase parecia transparente, encontrava-se uma rapariga.

— É ela — sussurrou Stoker. — É a Jenny Pembry.

Van Helsing atravessou rapidamente a caverna e começou a examinar a rapariga enquanto Stoker e o criado ficaram paralisados debaixo do arco, observando todo o horror que os rodeava.

Nos quatro cantos da caverna viram os outros empregados que haviam desaparecido do Lyceum.

À esquerda encontrava-se o trompetista, o *smoking* desfeito em tiras por cima do corpo em decomposição, que tinha sido encostado

às pedras do canto. Faltavam-lhe as pernas e os braços e, no rosto, a pele que ainda restava era de um verde tão escuro que parecia negra. Stoker voltou-se, regressou ao corredor, e pondo as mãos nos joelhos começou a vomitar enquanto o criado se aproximava do corpo. Mais de perto viu que tinham sido enfiadas pautas musicais na boca do morto.

No canto seguinte encontrava-se a substituta, vestida ainda com o que lhe restava do fato da rainha Titânia. A tiara de ferro pintado com tinta dourada brilhava por cima da carne em decomposição do seu rosto, causando um efeito horrível. As pernas também lhe haviam sido retiradas e os sapatos de bailado postos no chão junto aos cotos esfarrapados, numa brincadeira cruelmente malévola. Os olhos haviam desaparecido mas o criado não conseguiu perceber se teriam sido deliberadamente arrancados ou se isso seria apenas uma consequência inevitável do local onde ela ficara.

Nos outros dois cantos encontravam-se as coristas desaparecidas, colocadas frente a frente. O grau de decomposição era menor do que os dos outros e as agonias por que haviam passado antes de morrerem estavam bem visíveis nos seus rostos, de lábios arreganhados e olhos esbugalhados. Estavam ambas nuas e os seus torsos eram composições grotescas de cortes e suturas, feitas com o que criado percebeu ser tripa de cavalo, oriundo de um arco de violino que estava entre elas. A palidez das duas raparigas, horrível e nada natural, tornava-lhes as veias bem visíveis.

Os quatro corpos, percebeu o criado, tinham todos feridas idênticas no pescoço, com dois furos de bordas irregulares.

— Ela ainda está viva! — exclamou Van Helsing.

Ao ouvir a voz do patrão, o criado voltou costas às provações mortais que haviam sofrido as duas coristas e aproximou-se do altar. Stoker seguiu-o, com passos pouco seguros.

Na laje de pedra, Jenny Pembry, ligeiramente consciente, gemia e tentava libertar-se das cordas que a prendiam. O criado tirou a faca do cinto e cortou as cordas, enquanto Van Helsing levantava a rapariga e a passava para os braços de Stoker, que quase a repeliu com uma expressão de terror.

— Segure nela, raios! — berrou-lhe Van Helsing. Stoker estremeceu e puxou a corista para si. Van Helsing voltou-se para o criado. — Ela perdeu quase todo o sangue. E recentemente. O sangue da jugular ainda está quente.

— Onde está o maestro? — perguntou o criado, em voz baixa.

— Não sei — respondeu Van Helsing. — Se ele está num dos outros túneis, vamos precisar de mais luz e de muitos mais homens. Se ele...

Uma gota de sangue caiu no ombro do criado, que examinou o que caíra no casaco para depois levantar lentamente a cabeça para olhar para o teto da caverna, num movimento que Van Helsing imitou.

Harold Norris pendia de cabeça para baixo do teto de pedra da câmara, a cerca de seis metros deles ou talvez mesmo mais, de braços cruzados sobre o peito e olhos fechados, como um morcego grotescamente inchado. A boca e o queixo estavam cobertos com o sangue de Jenny Pembry e, enquanto os três homens olhavam para cima, as gotas caíam lentamente no chão poeirento aos pés deles.

— Fiquem absolutamente calados — sussurrou-lhes Van Helsing. — Não devemos acordá-lo.

— O que foi que lhe aconteceu? — perguntou Stoker, com a voz já embargada pelo álcool.

— Não há tempo para lho explicar agora. Devemos ir-nos embora imediatamente e voltarmos mais bem preparados. Se ele acordar, não conseguiremos fazer-lhe frente.

O criado olhou outra vez para cima, para o maestro. O rosto por cima da sua cabeça era suave, simpático mesmo, com rugas e uma juba de cabelo grisalho. Norris ainda envergava o casaco de cerimónia, que caía à sua volta como se fosse um par de asas, e os colarinhos da camisa mostravam manchas castanhas de sangue.

— *Rapaz!* — silvou Van Helsing.

O criado, arrancado aos seus pensamentos, olhou em redor. O patrão e o gerente do teatro encontravam-se já debaixo do grande arco à entrada da caverna, à espera dele. O criado atravessou a caverna lentamente, na esperança de não fazer um único som que pudesse acordar o monstro adormecido, que continuava a oscilar com suavidade por cima da sua cabeça. Já quase alcançara os seus companheiros, quando Stoker, de olhos muito abertos pelo medo e pela incompreensão, lhes voltou as costas e começou a correr, enfiando-se pela passagem.

Deu apenas dois passos antes de uma das lajes do chão se mexer debaixo dos seus pés, fazendo-o perder o equilíbrio. Van Helsing ainda fez uma tentativa fútil de o agarrar pelo casaco mas a sua mão só encontrou ar. O gerente chocou contra uma das paredes do corredor e esta desabou à sua volta numa chuva de entulho, no meio de uma nuvem de poeira sufocante. E no teto da caverna, Harold Norris abriu os olhos vermelhos e soltou um rugido rouco e animalesco.

O maestro lançou-se ao ataque antes de algum dos três homens ter oportunidade de reagir. Soltou-se do teto como um peso morto, rodando sobre si próprio de uma maneira impossível a escassos centímetros do solo para aterrar no solo já agachado. E saltou dessa posição, a uma velocidade estonteante, atravessando a distância que o separava do arco num abrir e fechar de olhos, arremetendo contra os intrusos como um furacão rugidor. Agarrou Van Helsing pelo pescoço e atirou o idoso para o meio da câmara. Van Helsing caiu ao comprido, foi bater contra um dos lados do altar e ficou imóvel. O criado tentou tirar a mão do bolso mas o movimento que queria fazer foi muito mais lento do que pensava. O maestro caiu sobre ele, como uma sombra negra saída do inferno, os olhos de um vermelho vivo salpicado de negro e de tons de prata, o rosto ainda sujo do sangue de Jenny Pembry e dois dentes compridos e aguçados a saírem-lhe da boca.

O criado sentiu-se levantado do chão e percebeu depois que estava em movimento, praticamente a voar pela caverna. Viu o patrão caído debaixo dele com sangue a sair-lhe da cabeça e ainda teve tempo de olhar para a parede do fundo, que parecia vir contra ele, com alguma indiferença.

Vou bater na parede, pensou ainda.

E o certo é que bateu.

Stoker ficara debaixo das pedras que haviam caído da parede. As costas doíam-lhe horrivelmente no ponto onde chocara na parte da parede que ainda ficara de pé, e sentia o nariz e a boca secos da poeira acre que os invadira. Sentiu as mãos que o procuravam arrancar do buraco aberto na parede e que o agarraram pelas lapelas, soltando um suspiro de alívio ao sentir-se de novo na passagem. Quando a poeira assentou, porém, deu por si a olhar para o rosto sorridente e inumano de Harold Norris, e atirou a cabeça para trás, aos gritos.

— Para de guinchar, bêbedo miserável — disse o maestro num tom sibilino. Stoker ficou horrorizado ao ouvir o monstro a falar com a mesma voz suave que Norris usava todas as noites para orientar os seus músicos. — Se eu te arrancar a língua da garganta, vais desejar ter feito o que eu te disse.

Stoker obrigou-se a parar de gritar e cerrou os dentes com muita força, apesar de o rosto que tinha a poucos centímetros do seu o fazer sentir como se estivesse à beira da loucura. Esforçou-se por falar, por dizer qualquer coisa que o pudesse ajudar a escapar ao destino dos outros, que acabaram naquele local antigo feito de pó e de morte.

— Harold... Sou eu, o Bram. Por favor não me faça mal. Por favor.

O maestro riu-se e abriu a boca para lhe responder quando os olhos se esbugalharam de repente e uma ponta aguçada de madeira emergiu através do tecido da camisa. Norris olhou para baixo por uma fração de segundo e depois explodiu numa nuvem de sangue que ensopou o gerente do teatro da cabeça aos pés e caiu sobre a capa e o chapéu do criado, que ocupava agora o local onde o maestro estivera, de braço esticado e com uma estaca aguçada bem presa na mão.

— E o que é que se lhe deve fazer?

— Não sei, ao certo. É possível que ele não se recorde de nada do que aconteceu.

— Podemos correr esse risco?

Van Helsing e o criado estavam sentados numa mesa separada das outras num canto escuro da *Lyceum Tavern* com copos bem cheios de *brandy* à frente de ambos. O criado amparara Stoker e arrastara-o através dos túneis até ao fosso da orquestra, enquanto Van Helsing fazia o mesmo com Jenny Pembry. Antes de subir a escada para o exterior pela última vez, o criado fizera aluir a passagem.

O avanço fora lento. Van Helsing sofrera uma ferida profunda na cabeça ao embater na pedra do altar e teve de parar por duas vezes para se recompor, antes de regressar à superfície. A corista era felizmente muito leve e, apesar de parecer estar sempre catatónica, fora capaz de ir pondo um pé à frente do outro.

Tinham-na metido numa carruagem e dado instruções ao condutor para a levar a casa de um médico amigo do professor, acompanhada por uma nota manuscrita de Van Helsing, nas costas de um programa da sessão da noite de *A Tempestade* que alguém deitara fora.

O gerente passara o tempo a resmungar e a falar sozinho enquanto o arrastavam pelos corredores de pedra, e sentava-se agora entre os dois homens num banco de veludo vermelho, de olhos fechados e com o peito a subir e a descer regularmente enquanto dormia.

— Compreende o que isto significa, rapaz? — perguntou Van Helsing.

— Sim, meu senhor, compreendo.

— Significa que a Transilvânia não foi o fim deste assunto.

O criado ficou em silêncio.

— Você portou-se extremamente bem, esta noite — prosseguiu Van Helsing. — Sem a sua ajuda, teria acabado tudo de maneira muito diferente.

O criado viu o rosto enrugado e gasto do patrão transformar-se num dos seus raros sorrisos.

— É possível — disse ainda Van Helsing — que possamos vir a fazer de si algo mais do que um simples criado, Carpenter.

9

UMA NOITE ATRIBULADA

Frankenstein conduziu Jamie por um corredor comprido e cinzento que dava para uma porta branca com a palavra *Enfermaria* escrita em letras vermelhas. Quando o gigante a abriu para Jamie passar, saiu do interior um sopro de ar frio.

Na enfermaria, impecavelmente limpa, havia filas de camas vazias ao longo de uma das paredes. Numa delas, inconsciente, encontrava-se o homem que fora transportado do helicóptero. A ferida que tinha no braço mantinha-se aberta, numa visão horrível, e o rosto estava pálido como o de um fantasma. De um saco corria por um tubo de plástico um fio de sangue interminável que depois desaparecia no braço saudável.

Ao fundo havia três portas de vidro fosco assinaladas com os letreiros *Raios-X*, *TAC* e *BO*. Jamie viu movimentos frenéticos no outro lado da porta do bloco operatório, a que se juntavam o som de vozes elevadas e um *bip-bip-bip* mecânico contínuo. Em cima da mesa de operações encontrava-se uma pessoa deitada e rodeada por formas brancas e máquinas grandes de forma retangular. Um jato de sangue, de um vermelho brilhante e muito vivo, foi projetado contra o vidro da porta e Jamie sentiu o estômago a contorcer-se.

Nessa altura abriu-se a porta com o letreiro *Raios-X*, e do seu interior saiu um homem de meia-idade com uma bata branca e um rosto corado e congestionado que veio ao encontro deles. Parou, tirou um PDA do bolso e assentou o estilete no ecrã.

— Como se chama? — perguntou.

Jamie levantou os olhos para Frankenstein, que acenou afirmativamente com a cabeça.

— Jamie Carpenter — respondeu Jamie.

Os olhos do médico foram por instantes agitados por uma expressão de surpresa e Jamie interrogou-se mais uma vez, embora já pouco interessado, sobre o motivo que fazia com que o nome dele provocasse uma reação de espanto nas pessoas que o ouviam.

Era uma pergunta que haveria de ser respondida noutra altura. Sentia-se tão cansado que até já via mal, as pernas pareciam feitas de argila húmida e até pronunciar o nome corretamente lhe exigira um esforço enorme.

— O que é que sente? — perguntou o médico.

Jamie abriu a boca mas não conseguiu encontrar palavras. Voltou a levantar os olhos para Frankenstein, sem saber o que fazer, e o monstro tomou conta da situação, respondendo:

— Ele está a sofrer de choque pós-traumático, o pescoço está seriamente magoado devido a uma tentativa de estrangulamento, e está exausto, física e mentalmente. Precisa de descansar. E imediatamente.

O médico fez que sim com a cabeça e, com uma gentileza surpreendente, pegou em Jamie pelo braço e levou-o para a cama mais próxima. Jamie sentou-se no lençol branco muito engomado, a olhar para Frankenstein e sem reparar que ia seguindo as indicações do médico para abrir bem os olhos para ser examinado, para seguir o movimento de um dedo da esquerda para a direita, e para inspirar, sustar a respiração e expirar o ar enquanto o médico lhe punha no peito o metal frio de um estetoscópio. Finalmente, o médico examinou-lhe o pescoço, onde já começavam a notar-se as lesões arroxeadas e as marcas dos dedos que estavam a ficar com um aspeto muito vivo e desagradável, espetando-lhe depois uma agulha no braço, ligando-a a um saco de soro e pedindo em seguida a Frankenstein para lhe falar em privado. Os dois homens aproximaram-se da porta e começaram a conversar em murmúrios breves, com Frankenstein a olhar com frequência para Jamie.

Jamie também olhava para ele, enquanto a sua mente, que parecia estar a funcionar a uma velocidade de caracol, tentava formular as perguntas que pretendia fazer ao gigante. Cedo percebeu que não o conseguia fazer e que as palavras lhe fugiam, como areia por entre os dedos. Quando os dois homens concluíram a conversa e regressaram para junto dele, Jamie só conseguiu dizer três palavras:

— Que foi aquilo?

Frankenstein sentou-se ao lado dele na cama. Jamie ouviu a armação de aço a ranger e sentiu-se a deslizar em direção ao monstro, cujo peso desequilibrara a cama. O médico ligou um segundo saco de soro ao dispositivo intravenoso enquanto Frankenstein lhe dizia:

— Esta não é a altura para explicações. Tu precisas de descansar e eu tenho outras coisas para fazer. Amanhã conto-te o que puder.

O médico abriu a válvula do segundo saco e Jamie sentiu uma calma maravilhosa a apossar-se dele, como se fosse um cobertor quente.

— Promete? — murmurou, com os olhos a fecharem-se. Já a mergulhar num alheamento suave, ainda conseguiu ouvir Frankenstein dizer que sim.

Frankenstein levantou-se e olhou em silêncio para o adolescente. O peito de Jamie erguia-se e baixava ao ritmo lento de um sono profundo e o rosto tinha uma expressão de paz. O médico dissera-lhe que o rapaz ficaria inconsciente durante, pelo menos, doze horas, mas Frankenstein ignorara-o. Não se sentia capaz de olhar para o pescoço roxo e inchado de Jamie, porque essa visão despertava nele uma cólera familiar, uma cólera tal que, se lhe cedesse, só poderia ser satisfeita pela violência.

Reprimiu-a e continuou a olhar para o rapaz. Esteve assim durante muito tempo até ouvir um toque no vidro da porta atrás de si.

Voltou-se e viu Henry Seward a olhar para ele. O almirante chamou-o, agitando um dedo pálido, e Frankenstein empurrou a porta da enfermaria, saindo para o corredor.

— Venha até aos meus aposentos, Victor — disse Seward. O tom de voz revelava que o que dissera não era um pedido.

Os dois homens percorreram vários corredores cinzentos até chegarem a uma porta metálica de aspeto banal. Seward pôs a mão num painel preto inserido na parede e baixou o rosto para ficar ao nível da lâmpada vermelha existente por cima do painel. Um raio escarlate percorreu a retina do almirante e a porta abriu-se com uma complexa série de ruídos de fechaduras a serem destravadas.

O gabinete de Henry Seward não podia ser mais incongruente relativamente ao espaço militar caracteristicamente cinzento em que estava inserido. Quando a porta de metal se abriu, um odor a madeira veio a pairar até ao corredor, de mistura com odores de chá *Darjeeling* e de um café arábico muito intenso. Os dois homens entraram.

Esta era a terceira vez que Frankenstein ia aos aposentos privados do almirante desde que Seward aí se instalara. Já tinha passado muitas tardes e noites neste espaço quando ele fora ocupado por Stephen Holmwood e em outras ocasiões, demasiado numerosas para as citar, quando fora o grande Quincey Harker o seu ocupante. Seward era diferente dos dois homens, mais abertos e mais gregários. Mantinha as suas opiniões reservadas e defendia a sua privacidade.

A porta abria-se para uma sala forrada a madeira e mobilada num estilo elegante mas inegavelmente oficial. Cadeiras de braços de couro puído junto a uma lareira que já não funcionava estavam separados de uma secretária de mogno por um bonito tapete indiano ligeiramente gasto nas pontas, com a imagem de um Shiva meditabundo, e com a sua vasta forma envolta por nuvens. Duas portas ao fundo da sala davam para uma pequena cozinha e para um quarto modesto.

O almirante Seward deixou-se cair num dos cadeirões e convidou Frankenstein a fazer o mesmo. O gigante enfiou-se no assento e o couro rangeu sob a pressão do seu corpo. Declinou a oferta de Seward de uma caixa já aberta de *Montecristos* e esperou que o diretor do Departamento 19 acendesse o charuto com um fósforo de madeira. Seward chupou o charuto com força até a ponta estar incandescente e depois expirou uma nuvem de fumo para o ar. Finalmente olhou para Frankenstein.

— Como é que sabia onde estavam os Carpenters?

Frankenstein eriçou-se.

— O rapaz encontra-se bem, senhor almirante, se é isso que quer saber.

— Fico satisfeito por sabê-lo, mas não, não era realmente o que eu queria que me respondesse. O que eu queria era que me dissesse como é que sabia onde estavam os Carpenters?

— Senhor almirante...

Seward interrompeu-o:

— *Eu* não sabia onde eles se encontravam, Victor. E não havia mais ninguém que soubesse, nesta base. E sabe porquê?

— Eu penso...

— Porque não saber onde eles se encontravam era a melhor maneira de os manter a salvo! — rugiu Seward. — Se uma pessoa sabe, então há duas pessoas que ficam rapidamente a saber, e depois são quatro as que sabem e por aí adiante. Se ninguém sabe, nada lhes acontecerá. É assim que as coisas funcionam, Victor.

— Com o devido respeito, senhor almirante, isso não deu resultado esta noite — retorquiu Frankenstein, calmamente. Fitava diretamente o diretor, não desviando os olhos para mostrar que não acatava o que ele lhe dizia, e percebeu de repente pelo atenuar da expressão de cólera nos olhos do almirante que Seward estava muito cansado.

— A Marie está realmente desaparecida? — perguntou o almirante.

— Sim, senhor almirante.

— É o Alexandru quem a tem?

— É razoável depreendê-lo, nesta altura. Embora eu recomende, mesmo assim, que deveríamos tentar obter uma confirmação.

E descobrir se ela ainda está viva.

Seward acenou afirmativamente com a cabeça.

— Pode ser difícil — disse, devagar. — Vamos deparar-nos com uma grande relutância em ajudar a família de Julian, seja qual for a maneira de o fazer. E importará pouco que a Marie e o Jamie não tenham tido parte no que aconteceu.

Os olhos de Frankenstein faiscaram de irritação.

— Isso devia ser tido em conta — contrapôs. — E o senhor almirante sabe que devia ser assim.

— Talvez, mas não será.

Os dois homens ficaram em silêncio por alguns minutos, o almirante a fumar o charuto e o monstro a lutar contra a sua fúria interior, uma tarefa a que dedicava muitas das horas que passava acordado. Foi Seward quem retomou a conversa:

— O que foi que lhe contou?

— Nada — respondeu Frankenstein. — Por enquanto.

— E o que é que vai contar-lhe?

— Aquilo que acho que ele precisa de saber. Espero que seja suficiente.

— E se não for? E se ele pedir para lhe contarem tudo? Se ele fizer perguntas sobre o pai? Que fará nessa altura?

Frankenstein olhou para o almirante.

— O senhor almirante sabe a quem devo lealdade — respondeu. — Se ele me perguntar, dir-lhe-ei o que ele quiser saber. Incluindo aquilo que se refere ao pai dele.

Seward ficou a olhar para o seu gigantesco interlocutor durante algum tempo e depois esmagou o charuto que fumara até metade, pondo-se de seguida em pé.

— Tenho de escrever um relatório para o primeiro-ministro — disse numa voz entrecortada e cheia de irritação. — Se me dá licença...

Frankenstein arrancou-se ao cadeirão, que suspirou de alívio. Foi até à porta e ia premir o botão que a abria quando Seward, já encostado à secretária, o chamou.

— Como é que soube onde eles estavam, Victor? — perguntou o almirante. Ainda se mostrava obviamente irritado, mas nos cantos da boca pairava o fantasma de um sorriso. — A resposta não sairá deste gabinete. Só quero que me diga.

Frankenstein sorriu. Tinha um enorme respeito por Henry Seward, combatera lado a lado com ele em vários pontos obscuros do globo. E apesar de não querer quebrar o juramento que fizera quando a neve estava a cair do céu de Nova Iorque e o ano de 1928 se transformara em 1929, podia perfeitamente desvendar aquele mistério ao diretor.

— O Julian pôs um *chip* no miúdo quando ele tinha cinco anos, senhor almirante — disse. — Ninguém soube e eu fui a única pessoa a quem ele deu a frequência. Tenho sabido onde está todos os dias, desde há dois anos.

Seward sorriu, numa expressão sincera de nostalgia que, de repente, se transformou num imenso desgosto.

— Talvez eu não devesse esperar outra coisa — declarou. — Vinde de si, ou dele. Boa noite, Victor.

O INCIDENTE NO TEATRO LYCEUM (PARTE 3)

EATON SQUARE, LONDRES
4 DE JUNHO DE 1892

Jonathan Harker, o doutor John Seward e o professor Abraham Van Helsing encontravam-se na sala da moradia de Arthur Holmwood em Eaton Square, à espera de que a criada acabasse de servir o café da cafeteira de prata. Estava vestida integralmente de preto porque o pai de Arthur, Lorde Godalming, falecera alguns meses antes e a casa ainda se mantinha de luto.

No centro da mesa encontrava-se a carta que fora entregue a Van Helsing nessa manhã, convocando-o para uma reunião de emergência com o primeiro-ministro no edifício dos Horse Guards.

— Obrigado, Sally — disse Holmwood, depois de servido o café. A rapariga fez uma vénia breve e depois saiu da sala, fechando as portas.

Os homens deitaram natas no café, tiraram biscoitos da bandeja, deram pequenos goles e recostaram-se nas suas cadeiras. Durante um momento de óbvia satisfação ninguém falou e depois Jonathan Harker pediu a Van Helsing pormenores do que se passara na noite anterior.

O velho professor pousou a chávena na mesa e olhou em redor para os seus três amigos. Tinham passado por tantas coisas juntos, os quatro, olhando de frente e sem vacilar perante os olhos do mal, perseguindo o conde Drácula pelas florestas do Leste da Europa até às montanhas da Transilvânia, preparando-se para a última batalha no sopé do velho castelo que ostentava o nome da sua presa.

Um deles não regressara, assassinado no desfiladeiro de Borgo pelos ciganos a soldo do conde.

Ah, Quincey, pensou Van Helsing, *eras o mais corajoso entre todos nós.*

— Professor? — disse Harker, e Van Helsing percebeu que lhe haviam feito uma pergunta.

— Sim, Jonathan — respondeu. — Peço desculpa mas os esforços da noite passada cansaram-me. Perdoem-me.

Harker olhou para ele com uma gentileza que mostrava claramente que as desculpas eram desnecessárias e Van Helsing contou o que se passara.

Falou-lhes da aventura vivida debaixo do Teatro Lyceum, com o orador que nele existia a ficar satisfeito por ver os olhos esbugalhados dos seus ouvintes. Quando terminou, a sala manteve-se em silêncio enquanto os homens digeriam o relato do professor. E finalmente Harker disse:

— Portanto, aconteceu como receávamos. — A expressão calma não encontrava correspondência na voz. — O mal não morreu com o conde.

— Parece que não — replicou Van Helsing. — Como isso pôde acontecer é uma coisa que me escapa. Só posso supor que a pobre Lucy não foi a primeira pessoa a ser transformada pelos vis fluidos do conde.

Seward e Holmwood estremeceram. A simples referência ao nome de Lucy Westenra era ainda uma fonte de grande dor para os dois homens.

— E porquê agora? — perguntou Harker. — Porque é que o mal só está a espalhar-se agora, depois de a própria criatura estar morta?

— Não sei, Jonathan — respondeu Van Helsing, com toda a sinceridade. — Talvez o conde tenha guardado o seu poder sinistro, ou o tenha acumulado, se quizer. Talvez essas restrições tenham desaparecido com a morte dele. Limito-me a especular.

Van Helsing olhou para os seus amigos.

— E tenho de perguntar-vos o mesmo, a todos — prosseguiu. — Peço a cada um de vós que me digam se pensam que este desgraçado assunto do Harold Norris terá sido uma aberração ou um presságio de coisas que hão de vir. Sigo daqui a pouco para Whitehall, em resposta a uma convocatória a que devo obedecer, e onde esperam que eu seja capaz de fornecer respostas ao primeiro-ministro.

O silêncio que reinava na sala tornou-se desconfortável.

Digam-me que foi um incidente isolado, pensou Van Helsing. Que haja um de vós que me diga isso. A alternativa é demasiado horrível.

Foi Arthur Holmwood quem falou, com uma voz calma e firme:

— Penso que a situação só pode piorar. Gostaria muito de poder dizer outra coisa com sinceridade mas não posso. Algum de vós o pode fazer?

O rosto de Holmwood não revelava o medo que o velho professor sabia que ele devia estar a sentir, nem tão pouco o grande pesar que a morte do pai lhe causara. Van Helsing sentiu uma ternura muito grande pelo seu amigo, involuntariamente arrastado para os acontecimentos do ano anterior pelo simples crime de se propor em casamento à rapariga que amava, mas que se portara com enorme coragem e dignidade à medida que o assunto ia evoluindo.

— Eu não posso — disse o doutor Seward.

— Nem eu — disse Jonathan Harker.

O professor acenou afirmativamente com a cabeça, num gesto breve, procurando não revelar o horror que se instalara no fundo do seu estômago.

— Estamos de acordo, portanto — declarou, agarrando-se aos braços do cadeirão e pondo-se em pé. — Tenho a sincera esperança de que possamos estar enganados mas sinto, no meu íntimo, que não estamos. Transmitirei as nossas conclusões ao primeiro-ministro. Esperemos que ele nos surpreenda com sabedoria suficiente para ter em conta o nosso aviso.

O criado parou a carruagem à frente do grande edifício dos Horse Guards, desceu e ajudou Van Helsing a sair para o passeio. Dois soldados do regimento da Household Cavalry, resplandecentes nas suas túnicas azuis e cordões dourados, aproximaram-se de imediato e perguntaram-lhes o que desejavam. O criado tirou a carta do interior da casaca e passou-a aos soldados, que a examinaram cautelosamente antes de se desviarem para eles entrarem.

No interior da arcada por onde se entrava no edifício, um mordomo mais velho, vestido com um fraque imaculado, informou-os de que o primeiro-ministro os receberia no gabinete do comandante-chefe do Exército Britânico, situado no primeiro andar. E aguardou respeitosamente que Van Helsing tirasse o sobretudo e o passasse ao criado.

— Espere aqui por mim, rapaz — disse o idoso. — Não me parece que vá demorar.

O criado fez que sim com a cabeça e depois sentou-se numa cadeira de madeira de costas altas, junto à entrada, dobrando o sobretudo do patrão e pousando-o em cima dos joelhos.

Van Helsing seguiu o mordomo por uma escadaria larga, com uma passadeira vermelho-escura que lhes abafava os passos e debaixo do olhar pintado a óleo dos maiores heróis do Império Britânico, que o examinaram em silêncio a partir dos seus lugares nas paredes das escadas.

O professor foi conduzido por um corredor largo no primeiro andar, que voltava à esquerda, depois à direita e outra vez à esquerda, até uma grande porta em madeira de carvalho, que o mordomo empurrou, entrando de seguida com Van Helsing atrás dele.

— O professor Abraham Van Helsing — anunciou o mordomo e depois recuou, saindo silenciosamente do gabinete. O idoso ficou a ver o criado fechar a porta, depois voltou-se e olhou para os seis homens ao fundo da sala.

Sentado a uma enorme secretária de mogno estava William Gladstone, o primeiro-ministro, a olhar para o visitante com alguma expectativa. Ladeavam-no, à esquerda e à direita, cinco dos mais poderosos homens do Império: o conde Spencer, ministro da Marinha, Sir Henry Campbell-Bannerman, ministro da Guerra, George Robinson, ministro das Colónias e primeiro marquês de Ripon, Herbert Asquith, ministro do Interior, e Archibald Primrose, ministro dos Negócios Estrangeiros e quinto conde de Rosebery.

Que figuras, pensou Van Helsing, atravessando o gabinete. A parede à sua esquerda estava dominada por uma fila de janelas pelas quais se podia ver a mancha verde do St. James's Park. À direita, ardiam com grande estrépito as chamas de uma lareira de mármore ricamente ornamentada. No chão, entre ele e a secretária, jazia uma pele de tigre, imaculadamente conservada, ainda com a cabeça, as garras e a cauda presas, formando uma estrela de seis pontas no chão de madeira escura. Viu, depois do tapete, uma cadeira de madeira, diante da cadeira onde se sentava o primeiro-ministro.

Van Helsing contornou a pele de tigre com uma expressão de desgosto e ficou de pé junto à cadeira.

— Não quer sentar-se, senhor professor? — perguntou Gladstone, com uma voz que era mais estridente e mais feminina do que Van Helsing esperara ouvir.

— Não, obrigado, senhor primeiro-ministro — respondeu secamente o visitante. *Apesar de a dor que sinto na anca me fazer pensar*

que tenho um ferro em brasa encostado ao corpo. Que assim seja, para desconto dos meus pecados.

— Vi como admirava o tigre — prosseguiu Gladstone. — Não é bonito?

— *Ela seria mais bonita* — retorquiu Van Helsing, sem rodeios — se ainda estivesse nas florestas da Sibéria, em minha opinião, senhor primeiro-ministro.

O ministro Robinson soltou uma pequena gargalhada e, com uma voz trovejante que lhe saía da boca parcialmente escondida por uma enorme barba, afirmou:

— Está enganado, senhor professor. Não sobre o sexo da fera, porque é seguramente uma fêmea, mas a respeito da sua proveniência. É de Bengala. E fui eu que a matei nos arredores de Rangum, há dois verões.

Van Helsing voltou-se e olhou para a pele do animal, observando a dimensão da cabeça e o comprimento da cauda, que estavam ainda intactas.

— Penso que não, senhor ministro — disse, a seguir. — É uma *pantera tigris altaica*. É um tigre da Sibéria, ou de Amur.

Robinson corou violentamente.

— O senhor está a chamar-me mentiroso? — inquiriu, em voz baixa.

Ele comprou-a, concluiu Van Helsing, divertido com a crueldade da situação. *Provavelmente em Singapura ou em Rangum. Comprou-a e trouxe-a para casa como se fosse um troféu de caça. Que maravilha.* E continuou:

— Não estou a sugerir-lo. Estou a sugerir que o senhor ministro estará enganado. — A satisfação notava-se-lhe na voz. — A espessura do pelo, o alaranjado mais pálido da pele, a menor concentração das listas... são tudo características iniludíveis dos tigres de Amur, tal como o facto de medir mais de dois metros e meio de comprimento. Talvez o senhor ministro tenha andado a caçar nas planícies da Sibéria em anos mais recentes, tal como em Bengala, tendo acabado por se esquecer em que viagem é que a trouxe. Porque, se não for o caso, só me resta uma outra conclusão...

A acusação ficou no ar, a pesar sobre o ambiente da sala, e, depois de deitar ao visitante um olhar de intenções assassinas, o ministro Robinson disse que o filho estivera estacionado na Sibéria há dois verões e que trouxera para casa vários espécimes selvagens, sendo provável que o seu troféu de Bengala se tivesse confundido com um dos outros.

E mesmo assim continuas a mentir. Idiotas emproados. Guarda-livros aperaltados. Vamos mas é tratar do nosso assunto.

O primeiro-ministro pigarreou e bebeu um gole de água do copo meio cheio que tinha em cima da mesa.

— Professor Van Helsing — disse, num tom mais afetuoso e mais forte, na voz caracteristicamente oleosa de um político nato. — Queria agradecer-lhe pessoalmente pela sua proeza da noite passada e transmitir-lhe a gratidão do pai e da mãe de Jenny Pembry. A rapariga está a recuperar junto deles em Whitechapel e parece estar tudo a correr bem.

— Agradeço-lhe, senhor primeiro-ministro.

— O incidente, no entanto, apesar de ter beneficiado de um fim satisfatório, levanta algumas questões invulgares, não é assim? — tornou o primeiro-ministro.

Van Helsing confirmou que assim era e Gladstone acenou afirmativamente com a cabeça.

— Poderia nesse caso explicar-nos, senhor professor, a natureza da criatura que encontrou na noite passada e falar-nos da sua experiência nestes assuntos? Não somos imunes a rumores, aqui em Whitehall, e acredito que já todos ouvimos rumores sobre o que se teria passado na abadia de Carfax e do seu ocupante vindo da Transilvânia, mas eu gostaria de ouvir a verdade, e da sua boca.

O idoso olhou por instantes para o primeiro-ministro e depois para os restantes membros do Governo que o ladeavam.

Parecem um bando de abutres. À procura de uma maneira de usarem o sangue e a morte a seu favor.

— Muito bem, senhor primeiro-ministro — disse, e começou.

Van Helsing não falou durante mais de dez minutos mas, ao terminar, percebeu claramente que o seu relato dividira os homens presentes na sala em dois campos distintos. Primrose, Robinson e Campbell-Bannerman olhavam para ele como se fosse doido varrido, com expressões que revelavam como se sentiam insultados pelas tolices que tinham sido obrigados a escutar. Asquith, Spencer e Gladstone mostravam expressões sombrias, com os olhos bem abertos pelo horror que lhes provocara o que haviam escutado, e Van Helsing compreendeu que estes três acreditavam no que ele lhes contara.

— Alguém tem perguntas? — indagou, olhando diretamente para o primeiro-ministro.

Gladstone abriu a boca para responder mas foi interrompido pelo ministro Robinson. O primeiro-ministro deitou-lhe um olhar que sugeria que o ministro das Colónias ia arrepende-se num futuro próximo de o ter feito mas aceitou que o marquês falasse.

— Isto é absurdo — declarou Robinson, a voz a tremer de indignação. — Está a pedir-me que acredite em homens que podem voar, que têm força sobre-humana, que bebem sangue e vivem eternamente, sugerindo além disso que vai haver uma espécie qualquer de epidemia desse tipo de comportamento? De um comportamento que só pode travado por uma sangria do corpo ou pela destruição do coração?

— Exatamente, senhor ministro — respondeu Van Helsing.

Robinson voltou-se para Gladstone:

— Senhor primeiro-ministro, isto já está a ir muito para lá de uma simples brincadeira. Não consigo perceber o que...

— Cale-se, George — disse Gladstone, sem levantar a voz.

O ministro das Colónias ficou com ar de quem ia explodir. Primrose abriu a boca para protestar mas o primeiro-ministro silenciou-o com um aceno de mão.

— Não quero ouvir mais nenhuma palavra da vossa parte — declarou. — Percebo que aquilo que o professor Van Helsing nos disse é muito perturbador e mesmo horrível. E também percebo que alguns de vós, talvez mesmo todos, poderão ter dificuldade em acreditar no que ele nos contou. Segundo me dizem, porém, o que aconteceu por debaixo do Lyceum foi precisamente como nos foi descrito e todos nós ouvimos histórias sobre a viagem que o professor Van Helsing e os seus companheiros fizeram à Transilvânia no ano passado. Por isso, confesso que me sinto inclinado a acreditar nele.

É possível que me tenha enganado quanto a este homem, pensou Van Helsing. Há aqui uma inteligência em funcionamento a que eu não tinha dado crédito.

— E, como primeiro-ministro — prosseguiu Gladstone —, é da minha responsabilidade fazer o que penso que corresponde aos melhores interesses do Império, em especial no que se refere a potenciais ameaças à sua segurança. E é isso que farei. A não ser que alguém aqui queira levantar alguma objeção?

O primeiro-ministro levantou-se da secretária e olhou atentamente para os homens junto de si, desafiando-os a afrontarem-no. Van Helsing observou a cena, fascinado, vendo como Robinson, tremendo de indignação justiceira, se aprontava a fazê-lo até Campbell-Bannerman

o conter com uma mão no braço, levando o ministro das Colónias a desviar o olhar.

— Muito bem — disse o primeiro-ministro, aproximando-se de Van Helsing. — A opinião popular parece indicar que o senhor professor é a nossa maior autoridade no que se refere aos assuntos a que se referiu. Estará de acordo?

O idoso concordou que haveria alguma verdade nesse rumor e Gladstone acenou afirmativamente com a cabeça.

— Nesse caso — tornou o primeiro-ministro —, estou preparado para dar aos seus conhecimentos um lugar oficial no Governo de Sua Majestade. Clandestinamente, claro. Está interessado?

— E o que implicaria isso?

— A investigação e a eliminação das circunstâncias que de forma tão premente nos explicou. Com uma autoridade reconhecida por todos os departamentos governamentais competentes, um orçamento anual para todas as despesas e a garantia da cooperação de todas as agências do Império. Seria isto.

O primeiro-ministro fitou o professor Van Helsing e sorriu.

— Portanto, está interessado? — perguntou.

O doutor Seward apagou um cigarro turco que a Van Helsing pareceu ter sido ligeiramente perfumado com ópio e perguntou:

— E o que foi que lhe disse?

Os homens estavam sentados nos imponentes cadeirões forrados a couro do gabinete de confortáveis paredes cobertas de madeira do pai de Arthur Holmwood. O criado de Van Helsing levara-o de novo à casa de Eaton Square assim que terminara a reunião no Horse Guards e Arthur conduzira-os à sala onde o pai, Lorde Godalming, passara grande parte dos últimos anos da sua vida. Tinham acendido cigarros e cachimbos e o professor acabara de lhes fazer o relato do encontro com o primeiro-ministro, quando John Seward fez a pergunta.

— Disse-lhe que precisava de tempo para pensar — respondeu Van Helsing. — Pedi vinte e quatro horas, que me foram concedidas. Tenho de comunicar a minha resposta amanhã ao meio-dia, e por escrito.

— E o que pensa responder? — perguntou Harker. Empunhava um cachimbo curvo que se apagara. Segurava-o, absorto, como se o tivesse esquecido.

— Não sei, na verdade — confessou Van Helsing. — Penso que, com toda a probabilidade, aceitarei a proposta que ele me fez, mas a

satisfação com que o fizer vai depender em muito da pergunta que vos vou fazer.

O professor pousou um copo de conhaque na estante a seu lado. Regressara de Whitehall com os pensamentos acelerados pelas possibilidades que a proposta de Gladstone lhe daria, mas também profundamente abalado pelas responsabilidades que ela traria, e aceitara com gratidão a oferta de Arthur de abrir o bar do pai um pouco mais cedo do que era habitual.

— Meus senhores — começou —, vimos com os nossos próprios olhos mais das trevas que habitam este mundo do que a maioria das pessoas, e mais do que qualquer homem de perfeito juízo quereria ver. Lisonjeio-me com a ideia de que fizemos uma coisa boa nas montanhas da Transilvânia, algo de que podemos orgulhar-nos de termos partilhado, e se algum de vós deseja que o seu envolvimento nestes assuntos termine aqui, quero assegurar que nem eu nem ninguém pensará menos de vós por isso. Cumprimos mais do que o nosso dever, e uma vida em paz, alheia a sangue e gritos, não é algo de que se prescindia sem pensar.

Van Helsing fez uma pausa e olhou em redor.

— Penso, por um lado, que pedir-vos mais é uma crueldade da minha parte, que nenhum de vós merece. Mas é o que vou fazer. Porque acredito que está a aproximar-se da nossa nação, e de todas as nações, uma praga de que Harold Norris foi apenas a guarda avançada. Esta manhã disseram todos que também acreditavam nisso mas peço-vos que considerem bem o quanto acreditam e por uma simples razão. Se estivermos certos, seremos as únicas pessoas no Império a saber o que aí vem. E eu não posso ficar quieto, a assistir ao derramamento do sangue de inocentes e à poluição de almas puras, que ficarão condenadas para toda a eternidade, sabendo que poderia ter salvado toda a gente. Jurámos que ficaríamos vigilantes e que se o conde alguma vez regressasse nos ocuparíamos mais uma vez dele. Ele não regressou e eu não acredito que alguma vez regresse. Mas o mal que viveu dentro dele sobreviveu e anda por aí.

Van Helsing pegou no seu copo com uma mão trémula e esvaziou-o de um gole.

— Amanhã aceitarei a proposta do primeiro-ministro. Quando lhe pedi algum tempo para pensar, informei-o também de que se houvesse certas pessoas que aceitassem envolver-se, elas deveriam ser autorizadas a fazê-lo. Também o informei de que isto não era negociável. Por isso, peço a vossa ajuda, tal como nessa altura pediram a

minha. Gostaria de poder dar-vos mais tempo para pensarem mas só posso...

— Aceito — interrompeu-o Jonathan Harker. Empalidecera mas nos lábios reinava um sorriso determinado. — Eu não preciso de tempo para pensar.

— Nem eu — acrescentou o doutor Seward. Acendera outro cigarro e o rosto elegante parecia distorcido pelo fumo.

— E eu muito menos — declarou Arthur Holmwood com firmeza. Pousara o charuto e o copo e fitava Van Helsing. — Nem de um minuto, sequer.

Agradeço-vos. Oh, como vos agradeço.

— Ainda assim, pense por um minuto, Arthur — respondeu o professor. — Pensem, todos vós. Porque não poderemos voltar atrás se dermos início a esta viagem. Nunca poderão contar a ninguém, fora desta sala, da existência da nossa organização. Nem à Mina, Jonathan. Sentem-se preparados para isso?

Harker vacilou mas fez que sim com a cabeça.

Seward e Holmwood anuíram igualmente.

— Nesse caso — disse Van Helsing —, não vejo motivo para fazer esperar o primeiro-ministro. Enviarei de imediato a nossa resposta.

A MANHÃ SEGUINTE

Jamie acordou pouco antes do amanhecer.

Levantou a cabeça estonteada da almofada e viu o tubo transparente ligado a uma agulha que lhe tinha sido enfiada no antebraço. Não se lembrava de o terem feito. Aliás, quase nem se lembrava de como terminara o dia anterior, depois de a rapariga o ter atacado no hangar.

Empurrando para trás os lençóis e os cobertores, Jamie pousou os pés no chão. Vestia uma bata médica branca, e estava a olhar em volta, à procura da sua roupa na enfermaria, quando uma onda de náuseas o envolveu de forma terrível e, por um segundo, pensou que ia vomitar. A garganta doía-lhe e também lhe era doloroso respirar. Levou uma mão ao pescoço, sentiu um inchaço mole e pestanejou. Fechou os olhos, baixou a cabeça sobre os joelhos e, um ou dois minutos depois, a sensação de ir vomitar desapareceu. Preparava-se para se levantar da cama quando a porta ao fundo da enfermaria se abriu e um médico entrou de rompante.

— Senhor Carpenter — disse-lhe —, faça o favor de voltar a deitar-se.

A voz autoritária do homem pareceu-lhe familiar e Jamie fez o que ele lhe mandava. O médico examinou-lhe a garganta magoada, picou-lhe um dedo para lhe tirar sangue, apontou-lhe uma pequena lanterna às pupilas, depois retirou-lhe a agulha do braço e declarou-o muito melhor.

— Como se sente? — perguntou, de seguida.



— Bem — respondeu Jamie, esfregando a nódoa negra redonda deixada pela agulha. — Não me lembro de como aqui cheguei. Foi o Frankenstein que me trouxe?

O médico acenou afirmativamente com a cabeça.

— Trouxe-o e ficou depois consigo durante grande parte da noite. Só se foi embora há poucas horas. E pediu-me para lhe lembrar que, ao acordar, fosse ter com ele antes de falar com mais alguém. E pediu-me para ter a certeza de que o faria. É o que vai fazer?

— Acho que sim.

O médico tirou um PDA do bolso e premiu algumas teclas com uma caneta de plástico.

— Quero que volte cá esta tarde para o ver — disse. — A lesão atenuou-se e já não está desidratado, mas ainda pode estar sob uma grande dose de stress pós-traumático. Vou dar-lhe alta nestas circunstâncias. É o que deseja?

Jamie fez que sim com a cabeça.

— Muito bem. Descanse o tempo que precisar e, quando estiver pronto, pode vestir-se e ir ter com o seu amigo. Ele pediu-me para lhe dar isto.

O médico meteu a mão outra vez no bolso, tirou um papel e deu-o a Jamie. Tinha duas linhas de texto, escritas numa caligrafia muito bonita:

Piso E
Sala 19

Jamie pegou no papel sem dizer uma palavra. O homem ainda ficou junto dele, por instantes, como se não soubesse bem o que havia de fazer, depois ofereceu um sorriso a Jamie e, com um breve aceno de cabeça, saiu da enfermaria.

O rapaz ficou imóvel durante alguns minutos, de seguida endireitou as costas, gemendo devido às dores que sentia no pescoço e no braço, e obrigou-se a sair da cama. Vacilou, sentindo as pernas pouco firmes, e estendeu a mão para se agarrar à parte de cima do armário branco. Quando recuperou o equilíbrio, olhou em redor e viu a roupa, cuidadosamente arrumada, numa prateleira mais baixa no outro lado da enfermaria. Foi até lá, com as pernas ainda a darem de si, e vestiu-se vagorosamente, tentando lembrar-se do que acontecera na véspera. Depois, olhando em redor, arquejou quando a memória começou a regressar.

No outro lado da enfermaria havia um homem deitado numa das camas, de olhos fechados, o peito a subir e a descer. Jamie foi até

junto dele e ficou ali, a vê-lo respirar. A pele do doente parecia mais brilhante do que na noite anterior mas ainda estava pálida. O braço direito encontrava-se coberto de ligaduras e corria, sem parar, um fio de sangue por um tubo intravenoso preso por cima da cabeça dele. Fascinado, Jamie ficou a ver o líquido encarnado descer pelo tubo e desaparecer numa das veias do homem.

Mas havia outra pessoa. Um rapaz.

A recordação foi como um choque e Jamie olhou para a porta onde se lia *BO*. Havia uma silhueta escura por detrás do vidro fosco e ele aproximou-se da porta. Hesitou, ao chegar à porta, e depois empurrou-a lentamente.

O adolescente jazia numa cama estreita no meio da sala. Ao lado dele havia muitas máquinas que apitavam e faiscava sempre ao mesmo ritmo e numa delas via-se uma linha verde com picos pequenos. Das máquinas saíam cabos que iam ligar-se ao peito e aos braços do rapaz. Os olhos estavam fechados e a pele era da palidez de um fantasma. Jamie ficou parado à porta, a olhar para ele.

É da minha idade. Não passa de um miúdo.

Atravessou lentamente a sala e ficou parado junto da cama de lençóis muito esticados.

— Que te aconteceu? — perguntou, num sussurro.

— Foi mordido — respondeu uma voz atrás dele e o coração de Jamie deu um pulo. Voltou-se e viu o médico que o examinara, à porta. — Que está aqui a fazer?

— Lembro-me de o ter visto no hangar — respondeu Jamie. — Ele vai ficar bem?

— Tocou em alguma coisa? — perguntou o médico, sem lhe responder.

Jamie abanou a cabeça.

— Ele vai ficar bem? — perguntou outra vez, levantando um pouco a voz.

O médico foi até aos pés da cama, tirou uma prancheta de metal de um gancho, examinou-a brevemente e voltou a pô-la no sítio. Depois esfregou os olhos e voltou-se para Jamie.

— Ainda é cedo para dizer — respondeu, numa voz suave. — Ele perdeu uma enorme quantidade de sangue e o coração parou quando estávamos a fazer a transfusão. Ressuscitámo-lo mas o cérebro pode ter sido danificado pela falta de oxigénio. Induzimos o coma, para lhe garantir melhores hipóteses. E agora só podemos esperar.

Jamie olhou inexpressivamente para o médico.

«O coração parou. Induzimos o coma. O coração parou.» — Quanto tempo? — conseguiu perguntar. — Quanto tempo até saberem se ele fica bem?

O médico encolheu os ombros.

— Alguns dias, talvez mais. Quando o inchaço no cérebro diminuir, vamos acordá-lo. E depois veremos.

O homem abanou rapidamente a cabeça e, ao olhar de novo para Jamie, já tinha recuperado a sua fleuma profissional.

— Vá, saia daqui — disse-lhe. — Vá ter com o coronel Frankenstein. E não volte aqui sem autorização. Este rapaz está numa situação muito delicada e as próximas vinte e quatro horas serão críticas.

Jamie recuou e saiu, incapaz de desviar o olhar do rosto inexpressivo e pálido do adolescente. Parecia um manequim, sem rugas, manchas ou traços ao longo da face.

— Como é que ele se chama? — perguntou já à porta.

— Matt — disse o médico, que estava de novo a olhar para os papéis. Nem olhou para Jamie. — Matt Browning.

Jamie seguiu pelo corredor para onde dava a porta da enfermaria, a olhar para as paredes cinzentas à procura de um elevador. Antes de chegar ao fim do corredor, que terminava num ecrã negro plano a toda a altura da parede, viu um botão com o sinal *Chamada* bem destacado na parede à sua direita. Premiu-o com o polegar e esperou.

Segundos depois, a parede deslizou para o lado e revelou um elevador metálico. Jamie entrou e examinou os botões amarelos fluorescentes colocados num painel preto ao nível da cintura e que estavam assinalados com O, A, B, C, D, E, F, G e H. O botão C tinha um brilho vermelho.

Bem, pelo menos já sei onde estou. É um começo.

Olhou para o papel que o médico lhe dera.

Piso E. Mais dois pisos para baixo.

De repente, sentiu-se dominado por um desejo de sol e de ar livre. Não queria continuar a mergulhar no interior do estranho local para onde fora trazido.

Premiu o botão O. A porta fechou-se, com um deslizar silencioso, e o elevador começou a subir com um ruído de motor suave e um ligeiro som metálico. Quando a porta se abriu outra vez, Jamie viu-se perante mais um corredor cinzento. No fim desta nova passagem estava uma porta dupla com tiras amarelas e pretas e Jamie teve a sensação de que ela daria para o hangar onde havia sido atacado.

Foi até à porta, reparando que na parede por cima da porta existia um relógio digital com um letreiro de grandes letras maiúsculas amarelo-esverdeadas que iam da direita para a esquerda e onde se podia ler:

o6H52/22.10.09/PADRÃO DOS TURNOS: NORMAL/
/GRAU DE AMEAÇA: 3

Dez para as sete. O meu despertador não tocara senão daqui a cinquenta e cinco minutos se eu estivesse em casa.

Aproximou-se da porta e abriu uma das metades. As enormes portas deslizantes que davam para a pista estavam fechadas e o hangar encontrava-se vazio. Jamie foi até ao meio da sala, incomodado com os sons secos que os ténis faziam no betão.

Aproximou-se de uma porta ao lado direito das portas de acesso à pista, rodou a maçaneta e saiu para o ar fresco e luminoso da manhã.

Jamie Carpenter correu pela vasta zona de betão existente à frente do hangar e depois regressou à relva, dirigindo-se para a pista comprida que atravessava o centro da grande base circular. Atravessou-a sempre a correr, ao mesmo ritmo, os pés a baterem no asfalto, os braços para cima e para baixo a ajudarem ao movimento do corpo, o rosto da mãe bem presente na sua memória, o coração tornado mais pesado pela preocupação.

Voltou à direita e passou por entre as duas construções metálicas que ladeavam esta zona da pista, chegou à área relvada e acelerou, em direção à cerca eletrificada que via à distância e à malha de luzes laser vermelhas que se lhe seguia, com a gigantesca projeção a rasgar o céu e a pairar sobre ele como uma nuvem pintada.

Ao aproximar-se da cerca, viu qualquer coisa que lhe pareceu deslocada. A cerca de cinquenta metros da cerca havia uma zona do relvado, talvez com uns seis metros de diâmetro, limpa de relva e com um roseiral.

À volta dele corria um muro de tijolos vermelhos à altura da cintura, com uma abertura que dava para a cerca. No interior, um trilho feito de placas de madeira alargava-se até se transformar numa área semicircular encostada ao muro, ladeada por rosas das mais variadas cores: vermelhas, brancas, cor-de-rosa, amarelas e até de um roxo tão escuro que chegava a parecer preto.

Jamie abrandou o passo e entrou pela abertura no muro. Dominou-o de repente o cheiro das flores, feito de aromas subtilmente

diferentes que se misturavam num cheiro pungente, tão rico e estranho que o impediu de respirar. Jamie percorreu o trilho de madeira, sentindo-se enlevado pela beleza incongruente do jardim. Quando chegou ao fim, viu uma pequena placa de bronze no muro de tijolos. Agachou-se e leu as palavras que aí tinham sido gravadas, com letras simples e elegantes:

EM MEMÓRIA
DE JOHN E GEORGE HARKER
QUE MORRERAM COMO VIVERAM:
JUNTOS

Jamie sentou-se junto à placa, as costas apoiadas ao muro, e fechou os olhos. Ficou assim sentado durante muito tempo, com o aroma das rosas no ar, sentindo-se só como nunca antes se sentira, a perguntar a si próprio onde poderia estar a mãe e, até, se ainda estaria viva.

Passado algum tempo, que não conseguiria dizer quanto, ouviu os passos suaves de alguém que se aproximava a caminhar pelo relvado. Da posição baixa em que se encontrava, não conseguia ver para lá do muro, e por isso esperou para ver quem seria.

A cabeça que apareceu por cima do muro de tijolo era de um verde-acinzentado, com uma madeixa de cabelo preto comicamente penteada para o lado e com dois parafusos metálicos no pescoço. Frankenstein entrou no jardim pelo trilho de madeira, acompanhado pelo ruído ensurdecido feito pelos seus passos nas placas de madeira, um som agoirento que parecia contraditório com o sorriso gentil que o monstro lhe ofereceu.

Frankenstein trazia vestido um fato cinzento-escuro com uma camisa branca aberta no pescoço, tendo de novo à cintura, do lado direito, o comprido tubo de metal que disparara na sala de Jamie. Sentou-se junto do rapaz sem dizer uma palavra, parecendo simplesmente satisfeito por poder aproveitar a tranquilidade do jardim e a luz amarela quente do sol da manhã

— Como é que me encontrou? — perguntou-lhe Jamie, em voz baixa, a olhar para as rosas à sua frente e não para o homem sentado a seu lado.

— O solo tem sensores infravermelhos — respondeu Frankenstein, com uma voz irritantemente jovial. — Deixaste uma pista vermelha bem visível nos monitores. Não foi difícil segui-la.

— Portanto, encontrou-me — resmungou Jamie. — O que quer agora?

— Falar contigo. Há coisas que tens de saber, Jamie, e que te vai ser difícil aceitar.

— Como por exemplo...?

O monstro desviou o olhar e, quando falou, fê-lo com uma voz terna:

— Fiz uma promessa, há muito tempo, de que protegeria a família Carpenter. Um dos teus antepassados salvou-me e, em honra da sua memória, mantive a minha palavra durante mais de meio século.

— Salvou-lhe a vida?

— Sim — respondeu Frankenstein, olhando depois para Jamie. — Mas essa não é a história que te quero contar. Essa fica para outra altura.

— Mas...

— Não perguntes. Não vou contar-te. Portanto, não vamos perder tempo com isso.

Jamie olhou para o monstro. Frankenstein observava-o com uma expressão que parecia afetuosa e Jamie perguntou a si próprio o que teria acontecido para suscitar nele um sentimento de tanta lealdade. De súbito, a fúria de Frankenstein no hangar já fazia sentido: deixara que Jamie se afastasse dele, num local onde qualquer coisa lhe poderia ter acontecido.

— Pronto, está bem — disse Jamie. — É tudo? Imagino que não seja...

— Cheguei à conclusão de que a melhor maneira de eu poder continuar a honrar essa promessa é dizer-te o que eu penso que tu precisas de saber. Acho que é demasiado tarde, para ti, para poderes voltar a ter uma vida normal, se é que alguma vez a pudeste ter. Não estarás de acordo?

— Sim — concordou Jamie, muito simplesmente.

— Tenho a suspeita de que o teu pai nunca te contou muitas coisas sobre a tua vida. É verdade?

— Falou-me de um tio meu que morreu quando ele era novo. E do meu avô que foi piloto durante a Segunda Guerra Mundial. Foi só isso.

— As duas coisas são verdadeiras. O teu tio Christopher morreu durante o parto, quando o teu pai tinha seis anos. E o John, o teu avô, foi um piloto muito distinguido e condecorado. Pilotou um *Hurricane* durante a Batalha da Grã-Bretanha. Sabias?

Jamie abanou a cabeça.

— Era um grande homem. Em 1939 já tinha saído da Força Aérea há nove anos, mas voltou a alistar-se no dia em que a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha de Hitler, mesmo contra a vontade do teu bisavô, que é o homem com quem esta história começa.

— Eu não sei nada dele — disse Jamie. — Nem o nome.

— Chamava-se Henry Carpenter. Também era um homem bom, pelo menos tão bom como o filho. Tudo o que aconteceu à tua família nos últimos cento e vinte anos e tudo o que te aconteceu ontem e à tua mãe tem a sua origem no facto de ele ter trabalhado com um grande homem, uma lenda cujo nome penso que conheces: o professor Abraham Van Helsing.

Jamie soltou uma gargalhada, com um tom de sarcasmo que soou como um latido. Não o fez com essa intenção e o monstro deitou-lhe um olhar de aborrecimento profundo mas não conseguiu evitá-lo.

Vá lá. A sério...

— Van Helsing... não existiu — disse Jamie, a sorrir para o monstro. — Eu li o *Drácula*.

Frankenstein também lhe sorriu, contrapondo:

— Acredites ou não, isso torna tudo mais fácil.

— E também li o *Frankenstein* — continuou Jamie, rapidamente, antes que pudesse perder a coragem.

— Ainda bem para ti — disse o monstro. — Permites-me que prossiga?

— Está bem — respondeu Jamie, dececionado. Precisara de toda a coragem que possuía para falar no romance de Mary Shelley.

— Obrigado. Bem, há algumas verdades que vais ter de aprender a aceitar e quanto mais cedo melhor. O professor Van Helsing existiu. A história de Drácula e de todas as pessoas que nela figuram é verdadeira. Aconteceu praticamente tal e qual o bêbedo idiota do Stoker a escreveu, mas as vampiras sedutoras que distraem o Harker dos seus planos de fuga são ficcionais e não representam mais do que a satisfação dos desejos do autor. Tal como a capacidade do conde de se transformar em morcego, em lobo, ou em qualquer outra coisa, bem como o final feliz que Stoker acrescentou à história. Nenhum dos homens que sobreviveu regressou à Transilvânia, por motivos que são, decerto, compreensíveis. O resto é muito aproximado. Tudo isto significa, no caso de precisares que eu te explique, que os vampiros existem. Apesar de não deveres ter grande dificuldade em acreditar porque ontem já conheceste dois.

Jamie sentiu-se como se tivesse levado um murro no estômago.

— A rapariga que me atacou...

— ... Era um vampiro, é verdade. Tal como o homem que eu ataquei em tua casa. Chama-se Alexandru. E ele é o motivo principal que nos faz estar aqui sentados, a ter esta conversa.

— Quem é ele? E o que quer ele... fazer à minha mãe?

— Já lá vamos. O caso de Drácula ocorreu em 1891, dois anos depois de o teu bisavô ter começado a trabalhar em casa de Van Helsing. Os homens que sobreviveram à viagem à Transilvânia, cujos nomes decerto conheces...

— Harker — disse Jamie, com um ar distante. — Um deles chamava-se Harker.

Voltando-se, olhou para a placa de bronze no muro do jardim, viu os nomes gravados e começou a perceber que as peças se estavam a juntar no seu pensamento.

Estás a acreditar no que ele diz. Ou, pelo menos, a começar a acreditar. Meu Deus.

— Jonathan Harker — disse Frankenstein. — É verdade. Ele, o professor Van Helsing, o John Seward e o Arthur Holmwood fizeram um juramento quando regressaram: prometeram que continuariam alerta e que se ocupariam de Drácula se isso alguma vez fosse necessário.

O jovem quase parou de respirar.

— Mas não foi — apressou-se Frankenstein a continuar. — Acredita em mim: ele está morto. Infelizmente, não era o único vampiro do mundo. Foi só o primeiro de todos e o mais poderoso. Em tempos foi um homem, o príncipe de um país chamado Valáquia e o nome dele era Vlad Tepes. Um homem terrível, que massacrou e assassinou milhares de pessoas. Em 1475, o exército que comandava perdeu a sua última batalha e ele desapareceu, com a maioria dos seus apoiantes, para reaparecer um ano depois na Transilvânia, intitulado-se conde Drácula. Com ele encontravam-se os três generais mais leais do exército da Valáquia com que ele podia contar: três irmãos, chamados Valeri, Alexandru, que conheceste ontem, e Valentin. Para os recompensar pela sua lealdade, Drácula tornou-os iguais a ele, tal como as respetivas mulheres. Durante quatrocentos anos foram os únicos vampiros existentes no mundo, com o seu poder e a sua condição de imortais ciosamente guardados por Drácula, que os impediu de transformarem mais alguém. Quando Drácula foi morto, as regras que impusera morreram com ele e os três irmãos começaram a criar um exército próprio. Nos últimos anos do século dezanove, a infeção começou a alastrar. E ainda está a alastrar.

Frankenstein fez uma pausa e pigarreou, com um som que parecia o do motor de um bulldózer a arrancar.

— Esta organização, situada nesta base em que neste momento te encontras, e com as pessoas que ontem conheceste, nasceu da promessa que aqueles homens fizeram de se manterem vigilantes. A sua influência cresceu exponencialmente durante o século vinte, levando à criação de organizações semelhantes na Rússia, na América, na Índia, na Alemanha e no Egito e dando origem ao que vês aqui. — Frankenstein fez um sorriso malicioso. — Embora, para todos os efeitos, nada disto exista — continuou. — As únicas pessoas fora desta organização que sabem da sua existência são o primeiro-ministro e o chefe do Estado-Maior. Ninguém está autorizado a reconhecer a sua existência ou a dizer a alguém que faz parte dela. Como foi o caso do teu avô. E do teu pai. E a ti ser-te-ia oferecida a possibilidade de também fazeres parte dela daqui por cinco anos.

Frankenstein calou-se. Jamie ficou à espera, para saber se ele se tinha limitado a fazer uma pausa, e quando se tornou claro que ele terminara, Jamie tentou imaginar o que poderia dizer sobre o que acabara de ouvir.

— Portanto... — começou. — O que me está a dizer é que o meu pai era um agente secreto que tinha como profissão combater vampiros. Vampiros a sério, que existem na realidade, no mundo em que vivemos. É assim? Está a pedir-me que acredite nisso?

— Estou a dizer-te a verdade — retorquiu Frankenstein. — Não te posso obrigar a acreditar nela.

— Tem de aceitar que isto parece uma loucura. Não é?

— Eu sei que são coisas a mais... E lamento que tenhas de ouvir isto assim, mas é a verdade.

— Vampiros!?

— Não são apenas vampiros — respondeu o monstro. — Também há lobisomens, múmias, zombies... qualquer tipo de monstros.

— Lobisomens? Ora, vá lá...

— Sim, Jamie, lobisomens.

— Lua cheia, balas de prata... Essas coisas todas?

— As balas de prata não são necessárias — disse Frankenstein. — As balas normais fazem o mesmo efeito. Mas é a Lua que os controla, como sempre foi.

O interesse de Jamie começou a despertar, apesar do ceticismo que o dominava.

— Como é que eles são? — perguntou. — Já viu algum?

Frankenstein acenou afirmativamente com a cabeça.

— São criaturas terríveis e atormentadas — respondeu. — Selvagens, que agem por instinto. Espero que nunca venhas a encontrar nenhum.

Jamie fez uma pausa antes de perguntar, cautelosamente:

— E onde é que você se encaixa nisto tudo?

— És um jovem letrado — respondeu Frankenstein, secamente.

— Depressa perceberás.

— Mas era só uma história — replicou Jamie.

— Tal como *Drácula*?

— Bem, sim.

Frankenstein desviou o olhar.

— Aquela miserável miúda — disse, em voz baixa, como se falasse só para si próprio. — Ela ofereceu a minha dor ao mundo como entretenimento.

Jamie tentou outro caminho:

— O que aconteceu na noite em que o meu pai morreu, afinal? Quer dizer, o que aconteceu realmente?

Por um instante, Jamie não pensou que o monstro fosse responder. Frankenstein estava a olhar em frente, com um olhar vazio, perdido nas suas recordações, mas depois abanou a cabeça, como se estivesse a tentar pensar com clareza, e respondeu:

— Não me parece que já estejas preparado para saber.

A crueldade da frase quase partiu o coração a Jamie, que recuperou a compostura, embora não tão depressa que Frankenstein, que o observava, não reparasse, e continuou:

— E o que se passou ontem?

— O Alexandru tem andado à tua procura e à procura da tua mãe desde que o teu pai morreu. E ontem encontrou-te. — Frankenstein viu a expressão no rosto de Jamie e antecipou-se à pergunta que aí vinha. — Ainda não sabemos como. O certo é que ele conseguiu.

— E porque é que ainda estou vivo?

— A rapariga, que se chama Larissa, devia ter-te matado, mas não o fez.

— Porquê?

— Também não sabemos. Ela diz que não falará com mais ninguém a não ser contigo.

— Comigo?! — Jamie abriu muito os olhos de repente. — Porquê comigo?!

— Não te preocupes com isso agora.

— E a minha mãe? Ela está... morta?

— O que pensamos é que a tua mãe vai ser utilizada pelo Alexandru como moeda de troca.

— E o que é que ele quer em troca?

Frankenstein olhou para o jovem com uma expressão de grande tristeza antes de responder:

— Quer-te a ti.

O monstro e o adolescente ficaram sentados em silêncio durante algum tempo, deixando que as terríveis palavras pronunciadas por Frankenstein se embrenhassem nos seus pensamentos, até que este acabou por se pôr em pé. A sombra que projetava cobriu Jamie por inteiro. Depois, estendeu a mão ao jovem, que se apoiou nela para se levantar.

Frankenstein guiou-o pelo trilho e saíram do roseiral. Atravessaram a vasta extensão de campo até à cúpula do hangar, depois a pista de aterragem vazia, e só nessa altura é que Jamie quebrou o silêncio.

— O que é que chamam a isto? — perguntou numa voz que a emoção tornava mais rouca.

A minha mãe. Oh, meu Deus. A coisa no fato cinzento raptou a minha mãe.

— Isto? — Frankenstein levantou o braço num gesto amplo, abarcando a enorme base circular. — Isto é a Unidade Militar Secreta 303-F. Mas toda a gente lhe chama *Círculo*, por motivos que deves ser suficientemente inteligente para descobrir.

Jamie olhou em redor, percorrendo toda a extensão circular da base e sorriu.

— Não estou a falar da base — corrigiu —, mas da organização. Qual é o nome dela?

Frankenstein sorriu.

— Deixarei que seja o almirante Seward a responder-te a isso — respondeu. — Vou levar-te a ele agora.

— Ele vai ter de esperar.

— E porquê?

— Porque eu quero ver a rapariga que me tentou matar ontem. Quero vê-la agora.

O DEPARTAMENTO 6 É O EXÉRCITO O DEPARTAMENTO 13 É O MI5 O DEPARTAMENTO 19 É A RAZÃO PELA QUAL ESTAMOS VIVOS

Jamie Carpenter tem 16 anos e perdeu o pai há pouco tempo. No mesmo dia em que descobre que a sua mãe foi raptada por um vampiro, é salvo por uma criatura gigante que diz chamar-se Frankenstein e que o leva para o *Departamento 19*, a agência supersecreta do governo.

Conhecida também por Luz Negra, esta agência foi fundada há mais de um século por Van Helsing e outros sobreviventes de Drácula para combater as forças do sobrenatural.

Com a ajuda da agência, de Frankenstein e de uma jovem vampira por quem se apaixona, Jamie vai fazer tudo para salvar a sua mãe, mesmo sabendo que terá de enfrentar um exército de vampiros sedentos de violência, sangue e destruição.

«Uma história original, envolvente e cheia de ação!»

The Sun

«Bram Stoker já pode descansar em paz: o seu legado no século XXI ultrapassou a série *Twilight*.»

The Telegraph

«Will Hill alcança um êxito imediato nesta explosiva estreia literária. Cada capítulo é de cortar a respiração e obriga-nos a ler o próximo.

Um livro que nos faz sentir a adrenalina típica do cinema.»

Publishers Weekly



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



TOPSELLER
livros que se devoram

2020 editora

Ficção/Fantástico

ISBN 978-989-8626-16-5



9 789898 626165

www.topseller.pt